

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM CIÊNCIA,  
TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO**

**ADEBIO DE JESUS RIBEIRO LISBOA**

**A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO ENSINO MÉDIO – UM  
CAMINHO PARA ESTUDAR LITERATURA BRASILEIRA**

**SÃO MATEUS-ES  
2019**

ADEBIO DE JESUS RIBEIRO LISBOA

A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO ENSINO MÉDIO – UM  
CAMINHO PARA ESTUDAR LITERATURA BRASILEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu sensu* em Ciências, Tecnologia e Educação, da Faculdade Vale do Cricaré, como requisito final para obtenção do título de Mestre em Ciências, Tecnologia e Educação.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana Esteves Passos de Oliveira

SÃO MATEUS-ES  
2019

Autorizada a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação

Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação

Faculdade Vale do Cricaré – São Mateus – ES

L769I

Lisboa, Adebio de Jesus Ribeiro.

A linguagem dos quadrinhos no ensino médio – um caminho para estudar literatura brasileira / Adebio de Jesus Ribeiro Lisboa – São Mateus - ES, 2019.

100 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Ciência, Tecnologia e Educação) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2019.

Orientação: prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana Esteves Passos de Oliveira.

1. Histórias em quadrinhos. 2. Quadrinização. 3. Literatura. 4. Interdisciplinaridade. I. Oliveira, Ivana Esteves Passos de. II. Título.

CDD: 371.33

Sidnei Fabio da Glória Lopes, bibliotecário ES-000641/O, CRB 6ª Região – MG e ES

**ADEBIO DE JESUS RIBEIRO LISBOA**

**A LINGUAGEM DOS QUADRINHOS NO ENSINO MÉDIO - UM  
CAMINHO PARA ESTUDAR LITERATURA BRASILEIRA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência, Tecnologia e Educação da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciência, Tecnologia e Educação, na área de concentração Ciência, Tecnologia e Educação.

Aprovada em 29 de novembro de 2019.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



**Prof. Dra. Ivana Esteves Passos de Oliveira**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientadora



**Prof. Dra. Adriana Pin**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



**Prof. Dr. Vanildo Stieg**  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

Agradeço, imensamente, a Deus,  
Aos meus familiares pelo apoio,  
Aos professores, que me ensinaram a ter uma visão mais ampla sobre os processos educativos,  
Ao diretor da E.E.E.F.M. "Padre Manuel da Nóbrega",  
Aos estudantes do Ensino Médio da E.E.E.F.M. "Padre Manuel da Nóbrega", (em especial o 3V1) pelo empenho na participação da atividade empírica com a utilização das HQ's.  
À professora regente da disciplina de Arte, Jocélia Inêz Cansi Boldrini, por sua contribuição na atividade empírica utilizando as HQ's.  
À minha Orientadora, Profª. Drª. Ivana Esteves Passos de Oliveira, por todo o seu empenho na minha formação,  
Aos juízes componentes da banca avaliadora; e,  
A todos aqueles que, de maneira direta e indireta, contribuíram para minha formação.

Dedico este trabalho, de maneira especial, a Deus, meu guia, autor do meu destino, socorro presente na hora da angustia,  
À Alice Pinheiro Lima que não mediu esforço para que eu chegasse até aqui,  
À minha mãe, à Minha Avó materna, como também, a toda minha família,  
À minha orientadora Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Ivana Esteves Passos de Oliveira, e,  
A todos os meus amigos.

“É essa dinâmica de revelar e ocultar as faces do desejo que aproxima a palavra poética da palavra numa análise. Ambas dizem o que na vida ordinária e comum não podemos ouvir. Elas se encontram na condição de signo desautomatizante, desalienante, inusitado, que rompe o *status quo* da língua e desafia o que teima em se acomodar. Tanto a psicanálise como a literatura falam de algo que escapa pelas malhas da linguagem, mas que só nela pode ser flagrada” (ROSEMBAUM, Yudith. Literatura e psicanálise: reflexões. *Revista FronteiraZ*. São Paulo, n. 9, dezembro de 2012, pp. 225-234, p. 226).

## RESUMO

A aplicabilidade da linguagem dos quadrinhos no Ensino Médio – como um mecanismo para facilitar a apreensão da literatura brasileira tem sua relevância consolidada no propósito de se evidenciar uma experiência didática inusitada, consubstanciada na promoção do entrelace com a linguagem dos quadrinhos para o estudo de cânones literários, unindo o popular e o clássico na configuração de uma metodologia ativa. Os quadrinhos ao se constituírem como uma forma de arte sequencial informa, educa e comunica instantaneamente e intencionalmente. Esse estudo oportuniza aos estudantes condições mais acessíveis de compreensão leitora, em vista da combinação da linguagem verbal e não verbal, possibilitando análise, interpretação e desenvolvimento da leitura crítica. Trabalhou-se a modalidade de pesquisa exploratória, mediante investigação bibliográfica e de pesquisa-ação, que permitiu a exploração dos quadrinhos como ferramenta metodológica aplicável nas aulas de literatura, com turmas do Ensino Médio. Vergueiro, Freire, Dalcastagnè, Glaucy Xavier, Rafael Silva foram alguns dos teóricos que corroboraram essa pesquisa. O interesse principal com esta abordagem foi o de motivar o estudante a participar do mundo literário, apropriando-se de sua riqueza singular.

**Palavras-Chave:** Histórias em Quadrinhos – Quadrinização – Literatura – Interdisciplinaridade.

## ABSTRACT

The applicability of comic language in high school - as a mechanism to facilitate the apprehension of Brazilian literature has its relevance consolidated in the purpose of highlighting an unusual didactic experience, substantiated in the promotion of interlacing with the language of comics for the study of literary canons. , joining the popular and the classic in the configuration of an active methodology. Comics, when constituted as a sequential art form, inform, educate and communicate instantly and intentionally. This study provides students with more accessible conditions of reading comprehension, given the combination of verbal and nonverbal language, allowing analysis, interpretation and development of critical reading. The modality of exploratory research was worked through bibliographic research and action research, which allowed the exploration of comics as a methodological tool applicable in literature classes, with high school classes. Vergueiro, Freire, Dalcastagnè, Glaucy Xavier, Rafael Silva were some of the theorists that corroborated this research. The main interest with this approach was to motivate the student to participate in the literary world, appropriating its singular wealth.

**Keywords:** Comics - Quadrinization - Literature - Interdisciplinarity.

## RESUMEN

La aplicabilidad del lenguaje de los cuadriños en la enseñanza secundaria media – cómo uno mecanismo facilitador de la aprehensión de la literatura brasileña tiene su relevancia consolidada bajo el propósito de se evidenciar una experiencia didáctica inusitada, consubstanciada bajo la promoción del inter relacionamiento con el lenguaje de los cuadriños para el estudio de cánones literarios, agregando el popular y el clásico bajo la configuración de una metodología activa. Los cuadriños al se constituirén como una forma de arte secuencial informa, educa y comunica instantaneamente e intencionalmente. Este estudio oportuniza a los estudiantes condiciones más accesibles de comprensión lectora, en vista de la combinación del lenguaje verbal y no verbal, posibilitando análisis, interpretación y desarrollo de la lectura crítica. Se trabajó la modalidad de investigación exploratoria, mediante búsqueda bibliográfica y de pesquisa-ación, lo que permitió la explotación de los cuadriños cómo herramienta metodológica aplicable en las clases de literatura, com turmas de enseñanza media secundária. Vergueiro, Freire, Dalcastagnè, Glaucy Xavier, Rafael Silva fueron algunos de los teóricos que corroboraron esta investigación. El interés principal con esta abordaje fue lo de motivar el estudiante a participar del mundo literario, se apropiando de su riqueza singular.

**Palabras-clave:** Cómics - Cuadrinización - Literatura - Interdisciplinariedad.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
1 REVISÃO TEÓRICA .....	18
1.1 HQ's NA SALA DE AULA .....	24
<b>2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO</b> .....	<b>30</b>
<b>3 MARCO REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>40</b>
<b>4 LITERATURA, PARA QUÊ?</b> .....	<b>50</b>
4.1 LITERATURA NO MUNDO E LITERATURA NO BRASIL .....	61
4.2 HQ: UMA NOVA MODALIDADE DE LITERATURA?! .....	64
<b>5 LITERATURA EM QUADRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA EM MONTANHA - ES</b> .....	<b>67</b>
5.1 A PRÁTICA DO ENSINO DE LITERATURA VERNÁCULA CLÁSSICA BRASILEIRA UTILIZANDO A METODOLOGIA DE QUADRINIZAÇÃO .....	69
<b>CONCLUSÃO</b> .....	<b>77</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>80</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>83</b>
ANEXO I: SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE ENSINO DE LITERATURA CLÁSSICA VERNÁCULA UTILIZANDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO ELEMENTO DIDÁTICO-METODOLÓGICO .....	84
ANEXO II: QUADRINIZAÇÃO: <i>Esaú e Jacó</i> (Machado de Assis) .....	88
ANEXO III: QUADRINIZAÇÃO: <i>Dom Casmurro</i> (Machado de Assis) .....	96
Anexo IV: QUADRINIZAÇÃO: <i>Memórias Póstumas de Brás Cubas</i> (Machado de Assis) .....	100

## INTRODUÇÃO

Em face às constantes mudanças na sociedade do século XXI, sobretudo com o desenvolvimento e aprimoramento das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), o professor em sala de aula tem procurado conduzir seus procedimentos de ensino-aprendizagem, em consonância e em dialogia com os discentes, no intuito de propiciar-lhes uma ampla formação e, para isto, há que levar em consideração suas singularidades, habilidades e práticas autônomas de aprendizagem.

Especificamente no contexto da disciplina de Literatura Brasileira, cumpre a este docente, oportunizar ao aluno a exploração de textos de autores brasileiros de modo prazeroso, levando o estudante a um estado de fruição, despertando-lhe o interesse por meio do aprimoramento de suas estratégias de leitura literária. E seguindo as premissas de Freire (1997) o ato de ensinar não é meramente transmitir conhecimento, mas gerar possibilidades para sua produção ou sua construção pelos próprios educandos.

Dentre os caminhos possíveis, como metodologia a ser aplicada em sala de aula, pensou-se numa composição, da oferta de textos literários e textos adaptados para a linguagem de quadrinhos. Há no mercado versões de grandes títulos da literatura brasileira, publicados em quadrinhos. “O gênero quadrinhos apresenta uma modalidade própria de linguagem. Dois tipos de signos gráficos se conjugam na sua construção: o visual e o linguístico” (LINS, 2008, p. 39), em que o visual está fazendo referência a toda a representação de imagens, expressões (de humor, de alegria, de tristeza, etc.) e o linguístico, porque possibilita o uso de gírias, onomatopeias, diferentes formas de expressão de letras, que possuem significados próprios e independentes.

O interesse principal com esta abordagem é motivar o estudante a participar do mundo literário, apropriando-se de sua riqueza singular, sem perder a função pragmática do ensino formal de literatura que tem marcado a história clássica da educação. A literatura possui uma função útil na vida humana que vai além de proporcionar divertimento, é aliviar a tensão provocada pela realidade e levar o ser humano a travar contato com o universo mágico da fantasia e da construção emocional, afetiva.

Este é um princípio complexo, porque não somente o estudante é inserido em um formato inovador de aprendizagem, o que sugere a adaptação a um método singular de aprender como o professor vê-se obrigado a adaptar os seus modos e métodos de ensino, porque a nova estrutura de linguagem está em um nível nem abaixo nem acima do clássico, encontra-se em um patamar diferenciado aonde há que existir uma interação entre o que se pretende ensinar e o que se espera que o estudante venha a aprender e a apreender, tornando-se coadjuvante no processo didático da literatura.

No presente estudo, está-se trabalhando com a teoria da tradução intersemiótica, combinada com oficinas de estratégias de leitura literária, a fim de se possa ver evidenciado o processo de aprendizagem dos textos literários, e a consolidação da compreensão e da autonomia leitora, no nível da fruição, ou seja, quando o estudante introjeta o processo de leitura literária, em que

Saussure enfatiza, acima de tudo, a plasticidade dos símbolos-personagens, cujo valor se transforma na dimensão diacrônica em vista da arbitrariedade do signo, que é o âmago da semiologia. Essas personagens estão sujeitas a alterações: o seu significante, o seu significado – em dois planos: o ser e o fazer da personagem – e a sua relação com as outras personagens (BRODEN, 2017, p. 301).

A linguagem dos quadrinhos é uma forma de aproximar-se de uma construção mais sintetizada de formas de pensamento complexo, “em que as ações de linguagem extrapolam o linguístico, haja vista serem os textos de natureza plurissemiótica” (LINS, SILVA e CAPRISTRANO DE S. JR, 2012, p. 44), o que conduz o pensar a leitura de um clássico em formato de prosa demanda uma condição de fruição do pensamento altamente complexo, linearizado e que confronta com as novas perspectivas de ensino e aprendizado mais concatenadas com os tempos presentes.

O objetivo que se propõe com esta nova abordagem didática para o ensino de literatura se dá em meio a estudos que apresentam novas performances dos sujeitos da aprendizagem, na perspectiva dialógica de Baktin, em que o foco passa da obra para a possibilidade de interação entre leitor e o objeto de sua leitura/análise.

Os estudos até agora apresentados têm mostrado que não há perda nos ganhos objetivos de formação da personalidade leitora dos estudantes, porque como estão na potencialidade de análises subjetivas, elaboram tertúlias pedagógicas em que a apreensão do saber alcançado vai sendo somado ao que se partilha, mediados pela ação didática dialógica proporcionada pelo professor.

Isto é o que se espera que ocorra quando se utiliza o ensino de literatura brasileira, por meio de textos em formato de quadrinhos, aonde a linguagem torna-se mais fluida e próxima do nível de desenvolvimento epistemológico e cognitivo-intelectual do estudante. Com isto, não se está a afirmar que seu nível é inferior ao do professor ou do adulto maduro, somente que as dimensões psicológicas estão em níveis e variáveis [*dependentes e independentes*] diferentes e agrega a isto, o fato de que a modernidade oferece muitas maneiras de distração, bem como modos distintos de absorção dos formatos de conteúdos em nível epistêmico que a educação e os educadores devem buscar absorver, a fim de tornar a sua práxis mais eficiente e eficaz.

Esta pesquisa justifica-se pelo fato de que tem se tornado necessário a amplitude das formas de ensinar literatura e satisfazer o gosto do estudante pelas artes literárias e pela produção intelectual, ressaltando que a escolha pelos quadrinhos como forma de ensinar literatura clássica brasileira, a obra literária brasileira, devido à sua característica pouco ousada em termos psicológicos, quando comparada à produção literária de outros países, é porque os quadrinhos desde a época dos *pulps*<sup>1</sup>, vem se garantindo no mercado editorial, paralelamente aos grandes títulos da história.

A leitura, realizada no formato de quadrinhos, permite ao leitor um espaço maior de flexibilidade quanto ao tempo de vinculação ao seu objetivo de análise, interpretação, compreensão e síntese do que está sendo buscado. Neste processo, o professor não está isento de ter que estar alinhado com o texto clássico em formato de prosa, que se caracteriza como um texto no qual se prolonga em períodos, frases, orações e parágrafos, para que possa, dentro dos limites da formação didática proposta, inferir das análises dos estudantes, ampliando as formas de compreender a literatura, aproximando-se da mesma.

A pesquisa está categorizada em um objetivo geral que visa, com esta modalidade de ensino da literatura brasileira [*por meio de quadrinhos*], promover o

---

<sup>1</sup> *Pulp* ou *pulp fiction* revista *pulp*, ou, ainda, revista de emoção, são nomes dados, a partir do início da década de 1900, às revistas feitas com papel barato, fabricado a partir de polpa de celulose. Os *pulps* substituem publicações anteriores como *penny dreadfuls*, *folhetins* e *dime novels*. As *pulp fictions* eram um tipo de entretenimento rápido, sem grandes pretensões artísticas. Pode-se dizer que ocupavam o lugar das séries de televisão atuais. Embora muitos escritores respeitados escreveram para *pulps*, as revistas foram mais conhecidas por suas histórias sensacionalistas e capas apelativas. Essas revistas geralmente eram dedicadas a histórias *noir*, mas também de fantasia e ficção científica (GRESH, Lois; WEINBERG, Robert. *A Ciência dos Super-heróis*. São Paulo: Ediouro, 2009).

encontro dos estudantes com a literatura através dos quadrinhos por meio da análise de obras de autores consagrados no assunto, que averigüe a linguagem, a metalinguística, os diálogos, a estilística, os clichês e a semântica.

A linguagem pode ser compreendida como qualquer meio sistemático de comunicar ideias ou sentimentos através de signos convencionais, sonoros, gráficos, gestuais, representado por um sistema de símbolos ou sinais ou objetos instituídos como signos; código.

Já sobre a metalinguística, M. Quintana afirma que, “a função metalinguística está presente nos dicionários, cujos verbetes explicam a própria palavra, no filme que tem por próprio tema o cinema, no poema que tem por tema o fazer literário, em uma peça de teatro e demais gêneros em que a linguagem está preocupada com o próprio código” (QUINTANA, 1983, p. 176).

Os diálogos representam as oportunidades de trocas de ideias entre dois personagens nos textos e como eles se dão, na forma de prosa e na forma de quadrinização. A estilística vai estudar os estilos de expressão em que, a partir do conhecimento e interpretação dos mesmos, se pode aproximar-se de compreender o momento histórico, o grau acadêmico do escritor e para quem direcionava suas obras, tratando-se de um ramo da linguística que estuda a língua na sua função expressiva, analisando o uso dos processos fônicos, sintáticos e de criação de significados que individualizam estilos.

O clichê será trabalhado no seu sentido figurado, que representa uma ideia já muito batida uma fórmula muito repetida de falar ou de escrever, um chavão. E a semântica aparece como estudo sincrônico ou diacrônico da significação como parte dos sistemas das línguas naturais, num sistema linguístico, o componente do sentido das palavras e da interpretação das sentenças e dos enunciados.

A pesquisa possui como objetivo geral a intenção de verificar de que forma a literatura de quadrinhos pode proporcionar o encontro dos estudantes com a literatura através dos quadrinhos por meio da análise de obras de autores consagrados no assunto, que averigüe a linguagem, a metalinguística, os diálogos, a estilística, os clichês e a semântica.

Os objetivos específicos caracterizam-se em analisar como a literatura e os quadrinhos confluem para uma aprendizagem mais dinâmica em sala de aula. Como esta modalidade de ensino da literatura pode proporcionar aos estudantes a

ampliação dos seus horizontes e a diversificação de seus conhecimentos, através da leitura de história em quadrinhos; e como último objetivo, apresentar estratégias de ensino da literatura para estudantes do Ensino Médio que utilize a literatura de quadrinhos.

O presente estudo apresenta como hipótese a ideia de que estratégias de leitura literária híbrida – que busca abarcar o processo dialógico entre o texto literário canônico e, em linguagem de quadrinhos - numa sala de aula do ensino médio pode determinar como resultante pragmática, numa aproximação do educando com os clássicos literários, desenvolvendo-lhe a compreensão textual e o aprimoramento da escrita, o que resulta na conquista da autonomia e da fruição leitora, em decorrência do processo de adaptação intersemiótica.

A pesquisa está caracterizada em cinco capítulos, discriminados em uma problemática, onde os processos e desafios relativos ao ensino de literatura brasileira tem se apresentado como um desafio para professores de Letras e Linguística, porque surge uma nova possibilidade de ensino como resposta aos desafios de novas estruturas de pensamento dialógico.

O capítulo 1 apresenta a revisão literária sobre a qual se desenvolve o trabalho de pesquisa e que o norteia, realizando um estudo histórico-lógico.

O capítulo 2 elenca os procedimentos de investigação que foram utilizados para a condução e conclusão deste trabalho.

O capítulo 3 traz uma discussão ampla, em que fundamenta, por meio de teóricos consagrados no assunto, as ideias que nortearão a construção intelecto-cognitiva e epistemológica desta dissertação.

O capítulo 4 traz uma discussão sobre a necessidade e a relevância da literatura para a formação humanística dos educandos e como ela pode auxiliar na inserção do indivíduo no contexto do mundo real. Faz, ainda, uma análise panorâmica da literatura no mundo e no Brasil, acerca de como esta tem se comportado nos ambientes intra e extra acadêmico-escolar. Abordam, também, os quadrinhos como uma nova modalidade literária, ao mesmo tempo em que interrogando afirmando, uma vez que já existem desde o início do Século XX, fazendo enorme sucesso entre o público jovem.

O capítulo 5 relata uma atividade empírica utilizando a literatura em quadrinhos: uma experiência prática em Montanha - ES, em que o autor desta

pesquisa relata suas experiências práticas com estudantes secundaristas no ensino de literatura brasileira, utilizando como metodologia os quadrinhos.

Esse trabalho deixa como produto as sequências didáticas contemplando o uso de HQ's enquanto instrumento pedagógico nas aulas de Literatura Brasileira, contribuindo dessa forma, para o aumento do conhecimento sobre essa ferramenta e suas contribuições para o campo educacional.

## 1 REVISÃO TEÓRICA

O ensino de literatura sempre representou um problema a ser solucionado e que se mostra como uma questão de difícil solução, porque como se pode ensinar algo que não se pode tocar, a não ser pela sensibilidade e pelo sentimento de compreensão do que foi interpretado a partir da escrita de alguém que não encontra-se mais presente para dizer o que significa suas palavras e expressões.

Como exemplo clássico, tomemos a obra de Machado de Assis (1839-1908), *Dom Casmurro*, em que ele relata sobre a estética de Capitu, que possuía *olhos de ressaca* e, é exatamente, neste ponto que se pode deter em meio a uma terrível complicação interpretativa, porque a que tipo de ressaca, refere-se o gênio? À ressaca de uma noite de embriaguez ou à ressaca intrépida do mar? E a situação não se resolve com nenhuma facilidade, porque ao mesmo tempo em que coloca uma vivacidade voraz no olhar de sua personagem mais enigmática, coloca uma nuvem de mistério em torno do mesmo que faz o leitor perder-se entre um e outro ponto de análise, interpretação e síntese, sem saber o que pensar, de fato.

Após esta breve explanação, eis que já se pode aproximar-se do objeto-alvo desta investigação, que é a quadrinização das obras literárias canônicas e já se traça a primeira pergunta-problema, que guiará toda a discussão: Qual expressão estética, artística, visual, semântica, filológica será conferida ao texto a ser adaptado aos quadrinhos?

Esta pergunta surge no campo do provável, porque ao criar uma estrutura imagética para um determinado objeto, o artista confere-lhe um tipo de visual que, pode não ser compatível com aquilo que o autor [*do texto original*] pensava no exato instante de sua elaboração. Assim que, a expressão de detalhes surreais, de caracteres altamente subjetivos são postos aos leitores como uma verdade finita, pronta e acabada, restringindo o campo da imaginação e da ampla discussão sobre tais elementos e sua condição de livre interpretação.

Sendo assim analisada esta primeira questão problemática, a solução imediata seria um aprofundamento epistemológico do docente acerca do problema dado até alcançar uma solução prévia ao ponto de poder lançar aos estudantes novas questões que amplie a busca epistemológica e a reflexão sobre aquilo que está posto às suas vistas. Até mesmo porque há que se ter o devido cuidado no que tange à

quadrinização de obras literárias clássicas, em que, tal ação não pretende esgotar a prática hermenêutica e filológica, tão caras e inerentes à Literatura.

Este processo deve ser entendido como uma metodologia ativa que tem como objetivo geral a aproximação do leitor ao seu objeto de interesse, este que é transformado em uma linguagem mais acessível e mais dinâmica, sob vários aspectos psicológicos, visando atender a uma gama selecionada e tratada a partir da óptica da Sociologia, o que produz como resultado direto, um entendimento mais flexível daquilo para o que se colocaria uma barreira natural, impedindo a construção de pensamentos mais finos e mais profundos em torno do entendimento natural da obra.

Neste sentido, a quadrinização não pode ser vista como um fim em si mesma; antes como um meio, por meio do qual se torna possível atingir um fim, sem perder a essência do trabalho original e mesmo as características filológicas inerentes a ele. Não será possível atingir tal condição, porque toda adaptação acarreta em perdas diretas sobre o material original que, a cada manipulação vai sendo distorcido nos formatos possíveis de entendimento, o que desperta para uma necessidade mais ampla, peremptória, que é o nível de formação e de conhecimento literário do professor, para que este possa ajustar qualquer [possível] falha no processo de adaptação que se acarrete em uma dificuldade de aproximação do leitor-estudante ao sentido semântico do texto original, compreendendo que, neste processo, trabalha-se com uma perspectiva da didática e da dialética, logo, os objetivos dizem respeito, respectivamente, aos processos formais, pragmáticos e sistemáticos de ensino e de aprendizagem.

Está-se trabalhando com a hipótese de que ao adaptar os textos literários canônicos aos quadrinhos, tal ação poderá proporcionar uma maior aproximação dos estudantes com a leitura, despertando-lhes a paixão e o interesse. Isto se mostra bastante possível, porque como defende Oliveira (2008),

Arte narrativa por natureza, o quadrinho traz em si grande potencial comunicativo, apresentando uma união própria entre as linguagens verbal e não-verbal. Com a literatura, arte que também trabalha com a narratividade, o quadrinho tem estabelecido uma ampla interação, em que as linguagens e enredos se interseccionam (OLIVEIRA, 2008, p. 10).

Esta formação de novas seções de linguagens multidimensionais, onde se mesclam, em especial, a verbal e a visual, promove uma condição inteiramente nova para que o estudante possa tomar esta primeira impressão como um ponto de partida para o desenvolvimento de uma intelectualidade e uma cognição maduras e

autônomas sobre a obra estudada, não estando vinculado a sua capacidade de leitura imagética do mundo, o que pode ser positivo e ao mesmo tempo, limitante de que faça uma leitura a partir de seu mundo interno para o mundo externo, ocorrendo o contrário, porque uma visão de mundo e dos personagens já está posta ali.

Neste ínterim, o professor deve valer de sua práxis para fazer as interferências mínimas necessárias, orientando e demarcando um espaço em que os estudantes devem explorar para além do que está representado, porque a literatura é uma expressão singular de um mundo particular, portanto, a interpretação do texto e não a leitura é o que interessa, de fato, no ensino da mesma; é o que ela traz de mais essencial da história, da política, do ser em si e para si e não se pode perder de vista toda esta condição auferida pela leitura dos clássicos na formação da personalidade acadêmica do estudante.

A produção acadêmica, relativamente pequena, sobre este tema constitui um problema inicial e aqui, a abordagem é a de que não têm sido produzidas muitas teses e/ou trabalhos de investigação levados a efeito com isolamento de indivíduos e comparando com outros grupos, a fim de mensurar, estatística e matematicamente, o ganho em aprendizagem, interesse e motivação com relação à literatura em estudantes do Ensino Médio, quando comparado com o método tradicional e canônico de ensino.

Logo, o que se tem para trabalhar são conjecturações e deduções, a partir de ações de professores e que, para deixar as coisas bastante complexas, resistem ao hábito de estudos, crendo que a leitura e o entendimento que alcançaram desde os tempos de formação acadêmica inicial já se faz suficiente para compreender o texto e poder ensinar com eloquência e expertise.

Este é um problema grave, porque a literatura sendo uma criação [*e não uma mera produção*], exclusivamente humana, os textos trazem em si toda uma conjuntura filogenética do autor que a produziu e que se move no tempo e no espaço, como se estivesse viva. Nisto, tem-se flutuações complexas, como a interferência de idade do leitor na compreensão refinada do texto e outras intransigências que marcam a singularidade de um trabalho literário.

Um exemplo, neste sentido, é a obra *Crime e castigo*<sup>2</sup>, de F. Dostoievski (1821-1881), em que uma alta compreensão do texto só é alcançada após a idade

---

<sup>2</sup> Obra publicada, originalmente, em 1886.

cronológica do leitor de 35 anos, fato este já tratado por grandes mestres do pensamento filosófico, como, p.e, F. Nietzsche (1854-1900). Isto se dá porque a literatura é “a expressão catexial do sagrado e do profano que existe, em estado latente, no espírito do escritor” (SOUZA, 2019, s.p.) e que dadas às circunstâncias que permitem o conflito, este se manifesta por alguma via, mostrando-se incompreensível, ao leitor, por uma diversidade de elementos que independem de seu nível de intelectualidade e capacidade cognitiva de análise, interpretação e síntese.

Assim que, a adaptação dos textos clássicos literários para os quadrinhos não pode ser tomado como a quintessência da didática do ensino de Literaturas vernáculas, porque não o é; representa um esforço para aproximar-se de um público amplo que, por vezes, não se interessa pela leitura por causa de detalhes inerentes ao mesmo, como a exemplo do que foi exposto acima, em que a individualidade do escritor se sobrepõe e interpõe na obra elaborada, fazendo com que seja carregada de uma aura [*quase*] indecifrável.

É esta condição peculiar das grandes obras que se espera que o artista quadrinista seja capaz de absorver e transpor do texto original para os quadrinhos. Neste sentido, Oliveira (2008, p. 10), argumenta que “ambos [*literatura clássica e quadrinhos*] apresentam recursos que, se bem aproveitados, podem enriquecer e possibilitar diferentes formas de comunicação, permitindo novos ‘olhares’ sobre a sociedade e a existência humana”.

Surge, assim, o desafio que cabe ao docente, que é o de explorar as condições sobre como aproveitar, ao máximo, as oportunidades apresentadas por ambos os elementos e possibilitar ao estudante, a realização de uma comparação analítica e se sua resposta for positiva ou negativa a cada uma das partes, isto cabe um processo de análise e compreensão, não podendo creditar juízos de valor ao que se alcança como resposta, partindo do entendimento científico que a resposta auferida pelo objeto trata-se de uma *variável dependente*, ou seja, a ela deve ser conferida toda uma gama de interpretação, sempre que possível, retornando ao objeto, a fim de saber o que está a dizer ou a referir com sua expressão, resposta, colocação, escolha objetual.

Isto se faz necessário porque há o nível de leitura e compreensão dos estudantes varia sobremaneira, dentro de uma sala de aula, não sendo possível determinar, via de regra, como dimensionar um nível de aprendizado a que a todos

de modo idêntico. Ademais, a quadrinização de textos clássicos não pode ser vista entendida e interpretada como um substituto, um sucedâneo da literatura em prosa ou em verso. São modos diferentes de atingir públicos diferentes e que possuem níveis distintos de aprendizagem.

A postura do professor, ao levar a efeito sua práxis e esta deve ser compreendida em sua extensão mais ampla, que é a de que se trata de uma relação dialética de reciprocidade e simultaneidade entre a teoria e a prática, ou seja, não está em discussão a qualidade ou a respeitabilidade na adaptação, porque adulterações contextuais há de haver, sendo inevitável tal ocorrência, porque além de ter-se a questão da ambientação, há ainda o público-alvo a que foi pensada tal ação; se para crianças, se para adolescentes, se para jovens.

A cor que se utiliza para adaptar também vai interferir na produção do imaginário do leitor, porque os contos de fadas, por exemplo, são da Europa, fria, cinzenta, dias escuras, noites densas, céu nem tão azul assim, por questões de condições climáticas ou ainda se pensar em *O morro dos ventos uivantes*<sup>3</sup>, de Emily Brontë (1818-1848), em que os personagens são tuberculosos, logo são magros, caquéticos, pálidos, ausentes deles qualquer traço de beleza estética e a região onde se passa o romance é cercada por pântanos e charnecas, lúgubre e sempre coberta de neblina.

Uma adaptação de um clássico como este, deveria obedecer a esta métrica, o que poderia parecer lógico, no entanto, a estética visual da adaptação não pode seguir os padrões canônicos, uma vez que são técnicas distintas que se interpõem na elaboração do pensamento de quem lê o texto. Com isto, mais uma vez, retornamos ao problema da formação e conhecimento técnico do professor de literatura, que deve ser um leitor treinado e capaz de referenciar, com sólidos fundamentos, seu saber acadêmico sobre o tema e as obras escolhidas como objeto de desempenho.

Por todo o exposto até aqui, já se evidencia que toda adaptação vai custar adulterações pesadas nos elementos, quer seja os tangíveis quer seja nos intangíveis, impondo sobre o leitor um interesse comercial da editora e o mais paradoxal é que existe esta necessidade, considerando que sem tais mudanças na apresentação do cenário, o texto adaptado não atrairia a atenção do leitor, lógico, ressalvados todas as condições peculiares de cada obra e cada gênero literário. Uma adaptação

---

<sup>3</sup> Obra literária publicada, originalmente, em 1847.

quadrinística de *O médico e o monstro* (Jackill & Hide) e *O retrato de Dorian Gray* não podem retratar um ambiente ensolarado e encantador, porque ambas as histórias se passam na cidade Londres (UK) e esta é marcada por suas penumbras e cenários lúgubres, cinzentos e escuros. Logo, cabe ao professor preparar seus estudantes para a compreensão de que o local onde a história é ambientada, ainda que tenha sido uma criação do autor, obedece a padrões de originalidade, porque algo ali naquele espaço está vinculado a sua psicologia, o que se interpreta por uma análise da psicologia do objeto<sup>4</sup>, neste caso específico, o vínculo que há entre o autor e suas vivências singulares e particulares.

Amarilha (2006) destaca outro ponto marcante no processo de adaptação dos textos canônicos aos formatos de quadrinhos, que é a intertextualidade, onde se exerce uma gama de elementos comunicativos, como a questão textual, em si, a percepção visual sobre o objeto e a produção de imagens em confronto com as que são apresentadas pelo roteirista. Segundo esta autora, “um aspecto que participa de forma sutil, mas definidora na intertextualidade é o ritmo da narrativa. O desenvolvimento das ações ganha extrema agilidade nos quadrinhos como recurso que dá mobilidade aos personagens e leveza às situações” (AMARILHA, 2006, p. 09).

O risco que se corre, com toda esta condição de mobilidade e leveza é o de o estudante acomodar-se a este formato de texto como sendo o último refúgio de aprendizagem para a literatura e o professor, também, assim entender, por vezes picado pela mosca azul<sup>5</sup> da inclusão de grupos marginalizados aos processos mais eletuários de métodos de ensinos. O processo segue um padrão em que o docente deve criar uma metodologia capaz de atender aos anelos da didática e não aos anseios particulares de quem esteja a ensinar ou que esteja a aprender.

---

<sup>4</sup> *Psicologia do objeto* é conceito elaborado pelo Professor Belarmino Senhorinha de Oliveira, durante a produção de dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, da Universidad del Salvador (Buenos Aires), em 2018 e faz referência ao princípio elementar que cada objeto estudado possui características singulares que o conformam, de acordo com o meio no qual esteja inserido e, assim, exige do investigador que o entenda como possuidor de tais elementos, porque seu comportamento, embora se suponha poder ser determinado pelo contexto, não pode ser previsto com exatidão. (Nota do autor, 2019).

<sup>5</sup> O poema *Mosca Azul*, de Machado de Assis, publicado no livro *Ocidentais [talvez em 1880]* conta a história de um plebeu que, ao deparar-se com uma curiosa mosca azul, com *asas de ouro e granada*, deslumbra-se e passa a sonhar com poder e riquezas, ilusão que acaba comprometendo sua sanidade e seu senso de realidade.

## 1.1 HQ's NA SALA DE AULA

Trabalhar literatura em sala de aula continua sendo como a mais complexa ação metodológica, porque parte do pressuposto de que aquele que aprende não será capaz de compreender, caso não leia a(s) obra(s) citada(s) e o professor não ensina caso seu aluno não realize a leitura do que foi indicado e ainda debruçar-se sobre os pormenores, realizando uma busca muito mais ampla sobre os elementos que cercam o texto e seu autor. Partindo da realidade de mundo do leitor, chega-se, no máximo a lugar algum, a o famoso mundo da utopia, que em muito pouco tempo se transforma em uma distopia com a convivência de todos e o entendimento de que estão formando figuras geniais.

Nisto, tem-se que, ao quadrinizar obras clássicas literárias, busca-se novas formas metodológicas para se ensinar literatura, visando à aproximação do leitor com o seu objeto de estudo. Pensado de modo isolado, tem-se um maior distanciamento do trabalho de ensino-aprendizagem, porque cria novas estruturas que não se fazem próximas ao avanço do processo pragmático elaborado didaticamente.

M. Lima (2012) é bastante contundente ao afirmar que o ingresso da Literatura no mundo dos quadrinhos é uma situação recente e inovadora, sendo vista com ressalvas pelos professores que, em termos de literatura clássica, são sempre tradicionais e resistentes a qualquer tipo de inovação, este o motivo porque aqui, tem sido referido a estes textos como canônicos<sup>6</sup>. Sobrexiste todo um ordenamento [quase] místico de veneração sobre as obras dos autores clássicos que, qualquer manipulação da mesma fora dos preceitos autorizados pelos sacerdotes da Filologia e da Linguística poderia ser considerado como uma blasfêmia, um ato de vilipêndio contra o pensamento do autor e conseqüentemente, com sua criação.

Assim que, o professor é o primeiro objeto a ser trabalhado, psicologicamente, quando se pensa em colocar à sua disposição, a possibilidade de levar a efeito o ensino de literatura clássica utilizando a adaptação quadrinística em sala de aula. Há que derrubar o tabu de que esteja subvalorizando a obra literária, a própria literatura e a arte de ensinar, o que culminaria no entendimento de uma subaprendizagem. “Até décadas passadas as HQ's eram vistas pelos educadores como uma subliteratura,

---

<sup>6</sup> *Canônico* é um adjetivo que caracteriza aquilo que está de acordo com os cânones, com as normas estabelecidas ou convencionadas.

sem muito caráter instrutivo, ou seja, só era considerada unicamente como uma forma de passatempo” (LIMA, 2012, p. 02).

Regina Dalcastagnè, comenta:

As histórias em quadrinhos que, até bem pouco tempo atrás, só entravam de contrabando nas mochilas escolares, vêm adquirindo um novo status no Brasil. A tradução e a publicação de álbuns cada vez mais sofisticados, a abertura de espaços próprios para os quadrinhos nas grandes livrarias, as resenhas em jornais e revistas, a participação de quadrinistas em feiras literárias, em programas de entrevistas e em eventos acadêmicos legítimos, de algum modo, uma produção que sofria o duplo preconceito de ser ao mesmo tempo, “literatura de massa” e “destinada a crianças e jovens” – o que servia, em última instância, para desqualificar uma expressão artística a partir da desqualificação (etária e de classe) de seus consumidores. [...] Com a ampliação da oferta e, mais importante, das possibilidades de expressão que surgem dos quadrinhos, cresce também a necessidade de uma reflexão mais cuidadosa sobre seus recursos. (DALCASTAGNÈ, 2012, p. 07)

Dalcastagnè reflete acerca da relevância alcançada pelas HQ's, assim como a expansão de consumidores - indivíduos que aderem à leitura destes, seja em novelas de faroeste, gibis, *comics*, super-heróis, muitas das vezes, englobando gerações de várias categorias de idades e momentos históricos. O que se percebe é a abrangência de mercado, a despeito da existência, em pleno século XXI, ainda, de preconceito artístico e cultural contra as HQs.

Foi a partir da década de 1960, que iniciou-se a propagação das Histórias em Quadrinhos (HQs), que tem se consolidado no contexto do ensino formal, a princípio sendo utilizadas em aulas de Língua Estrangeira e Língua Portuguesa e, posteriormente, em outras áreas, conquistando relevância como ferramenta pedagógica ao tratar de diversos assuntos como Matemática, Comunicação e Expressão, Ciências Físicas e Biológicas, História, Moral e Civismo, Religião, como nos aponta Silva (2011). Ele ressalta que até o início da década de 1990, antes da implantação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), elas não eram bem aceitas pela comunidade escolar, sendo, e só muito recentemente, foram incluídas como gênero de leitura necessário à educação, com o apoio do Programa Nacional Bibliotecas na Escola.

As adaptações de textos clássicos para a linguagem de HQ tem se ampliado, sobretudo, de textos clássicos para esse formato de apresentação. E nada disto desvaloriza ou sobrevaloriza uma obra, porque o oposto também tem se dado, em que textos, publicados, originalmente, em formato quadrinístico são transpostos para formatos em prosa ou versos, com ampla aceitação de público, havendo aquelas

adaptações que ficam melhores que o original, e outras que se mostram fidedignas – e há as que frustram expectativas, variando com a capacidade intelecto-cognitivo do leitor/analista e se já tenha travado contato com o material em seu formato primitivo.

Esta ausência de contato com o material original pode representar um fator complicador mesmo [*e principalmente*] para o docente, porque pode ocorrer de, ao invés de promover uma formação, provoque e/ou desperte para uma deformação, especialmente quando colocam em pauta as famigeradas *tertúlias dialógicas*<sup>7</sup>, em que, em nome de uma suposta inclusão e valorização do saber individual, se elege como verdade qualquer sandice ou estultícia que venha a surgir de quem nada entende e que leu uma obra clássica uma única vez, às pressas e sem um suporte adequado de um profissional habilitado e que seja estudioso do assunto.

Ressalta-se, aqui que, a quadrinização é um ato artístico, respeitando todos os preceitos técnicos da arte relacional e o ensino utilizando tal técnica é outra questão, bem mais complexa e que possui seus próprios padrões de exigência didática, cabendo, neste sentido, ao professor que se dedique a estudar a melhor forma de promover o ensino aos estudantes, visando ao máximo de aprendizagem intelectual formal no campo da literatura vernácula.

Esta subvalorização dos quadrinhos no meio acadêmico se deve a um preconceito clássico, a começar que este tipo de literatura não nasceu de dentro da Academia, se não em seu espaço, uma vez que estudantes mais bem entrosados com o pensamento e a forma de atuar psicologicamente transformaram esta possibilidade em um nicho de mercado, que veio a ser explorado por grandes corporações do mundo dos desenhos, porque atraía uma fatia da população que possui uma fluidez muito elevada em suas formas singulares de pensar e de agir sobre e no mundo: os pré-adolescentes e adolescentes de fato.

Foi explorado no mundo dos super-heróis em que estes personagens enfrentavam perigos e monstros além da capacidade de imaginação normal, sendo apresentados seus formatos já prontos, vindos de outros espaços de existência supra terrena, ou seja, o ambiente em que surgiam tais criaturas estava além do ordinário e de onde se habitava, não sendo possível confrontar com o criador a veracidade ou a

---

<sup>7</sup> *Tertúlia Dialógica Literária* é um encontro de pessoas para dialogar sobre um livro de literatura clássica universal que promove a construção coletiva de significado. Favorece a troca direta entre todos os participantes sem distinção de idade, gênero, cultura ou capacidade de análise, interpretação, compreensão e síntese de conteúdos complexos, ou seja, reuniões literárias para inglês ver que, no máximo, levam ninguém a lugar algum.

falsidade do que estava ali exposto, de forma que *o princípio da falseabilidade*, de K. Popper<sup>8</sup>, não se faria aplicável sobre tal objeto.

Como não se tratava de um objeto sobre o qual se poderia aplicar um princípio científico de análise e de interpretação empírica, ficou relegado ao conceito de sublitteratura e, Oliveira (2008) afirma que,

Apesar da ampla popularidade dos ‘quadrinhos’ como entretenimento temos poucas reflexões teóricas sobre seus processos de criação que nos permitam compreender como se dá o diálogo quadrinhos-literatura na prática: quais as possibilidades de união e intersecção entre os suportes? Qual a contribuição de tal interação para a produção cultural do nosso tempo? Que relações existiriam entre esse tipo de arte visual-verbal e as experiências da vida humana? (OLIVEIRA, 2008, pp. 10-11) [*O destaque está no original*].

Os questionamentos colocados aqui, pela autora, são contundentes e abrem espaço para discussões de grande amplitude, porque além de analisar a conjuntura psicológica do autor da obra original e suas respectivas vivências, há, ainda que considerar toda esta perspectiva da parte de quem realizou a arte de adaptação do texto vernáculo ao formato de quadrinhos e na continuação deste processo que não para de desdobrar-se em vários formatos, o professor deve ter sua vida esmiuçada, a fim de saber que experiências o atravessaram e como isto se deu, porque tais situações conduzem a análises e interpretações [ *muito*] singulares, refletindo no processo de formação intelectual do estudante que, não pode ser deixado à sua própria sorte ou azar no trabalho de leitura, análise, interpretação e síntese das obras

---

<sup>8</sup> Para K. Popper, uma proposição poderia ser considerada verdadeira ou falsa não a partir de sua verificabilidade, e sim da sua refutabilidade (ou falseabilidade). A observação científica, segundo ele, é sempre orientada previamente por uma teoria a ser comprovada, ou seja, a ciência que se baseia no método indutivo seleciona os fenômenos que serão investigados para a comprovação de algo que já se supõe. Por essa razão, o critério de verificabilidade nem sempre será válido. O princípio proposto por Popper, em vez de buscar a verificação de experiências empíricas que confirmassem uma teoria, buscava fatos particulares que, depois de verificados, refutariam a hipótese. Assim, em vez de se preocupar em provar que uma teoria era verdadeira, ele se preocupava em provar que ela era falsa. Quando a teoria resiste à refutação pela experiência, pode ser considerada comprovada. Com o princípio da falseabilidade, Popper estabeleceu o momento da crítica de uma teoria como o ponto em que é possível considerá-la científica. As teorias que não oferecem possibilidade de serem refutadas por meio da experiência devem ser consideradas como mitos, não como ciência. Dizer que uma teoria científica deve ser falseável empiricamente significa dizer que uma teoria científica deve oferecer possibilidade de refutação – e, se refutadas, não devem ser consideradas.

#### Fontes:

SANTOS, Wigvan Junior Pereira dos. **O princípio da Falseabilidade e a noção de ciência de Karl Popper**. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-principio-falseabilidade-nocao-ciencia-karl-popper.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2019.  
 POPPER, K. R. **Conjecturas e refutações**. Brasília: UNB, 1972.

clássicas, porque haveria de surgir “quimeras, extravagâncias, [e] princípios que descansam em noções mal definidas” (BACON, 2000, p. 127).

A observação de F. Bacon é para que o professor esteja atento ao seu trabalho, especialmente, quando se trata de análises de alta complexidade, como a que se trabalha no campo da literatura, exposição já, exaustivamente discutida, páginas acima, em que se tem como exigência todo um empenho acadêmico de quem ensina e esteja atento para quem ensina, visando ao despertar do prazer de ler e o exercício do pensar de modo complexo, o que Vygotsky classifica como sendo parte de um processo que ocorre em ciclos, estes formando uma espiral do conhecimento<sup>9</sup>, onde a consolidação do saber se efetua ao cruzar com o aprendido que, pode validar ou refutar o alcançado em termos de verdade científica.

Em uma matéria publicada no Jornal da Metodista, em 2010, os repórteres falam que a pedagogização de textos adaptados para os quadrinhos tem conduzindo a uma condição de empobrecimento da atividade didática, porque ao fazer isto tentam, à força, conduzir o estudante a [*supostamente*] aprender literatura sem a necessidade de ler, analisar, interpretar e sintetizar a obra vernácula, ficando assim, no plano do superficial e do [*muito*] raso.

É importante que quem esteja lendo uma adaptação saiba que não está lendo a própria obra literária, mesmo quando a adaptação mantém-se fiel ao texto literário. O que penso, no entanto, é que muitas vezes há uma ‘pedagogização’ das histórias em quadrinhos, o que promove uma utilização empobrecida das mesmas, uma vez que se deixa de explorar todo o potencial artístico e comunicacional que esta linguagem tem e que merece ser explorada por si mesma (JORNAL DA METODISTA, 2010, s.p.).

A exposição dos jornalistas, apresentada nesta citação, corrobora tudo que já foi exposto até aqui, em que a quadrinização é uma técnica comercial que vem sendo utilizada pelo meio acadêmico como uma forma de possibilitar novos recursos didático-metodológicos para se ensinar e para se aprender literatura, caminhos por meio dos quais se espera alcançar novas possibilidades e não fins em si mesmos.

Esta investigação parte da seguinte situação-problema: De que maneira, o professor pode ensinar literatura tendo como elemento de suporte didático para sua práxis pedagógica, a literatura em quadrinhos? A busca por respostas concentra-se na condição de dirimir dúvidas no sentido de esclarecer se a oferta de obras literárias

---

<sup>9</sup> A este respeito *vide* VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

brasileiras na linguagem quadrinística em consonância com o texto original em sala de aula pode envolver, didaticamente, o estudante de Ensino Médio com a leitura do cânone, na disciplina de Literatura Brasileira.

Trabalha-se com a proposta de desenvolvimento de um potencial em que se confronta o que já se alcançou até agora com o ensino canônico da literatura clássica vernácula e o que é possível alcançar, utilizando esta nova proposta metodológica.

## 2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA INVESTIGAÇÃO

Nesse capítulo buscar-se-á explicar a metodologia utilizada para conduzir a investigação desenvolvida como propósito de compreender um determinado fenômeno. Deslandes, Gomes e Minayo (2009, p. 14) entendem a metodologia “como o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”.

Com a finalidade de atingir os objetivos propostos neste projeto, buscar-se-á realizar uma pesquisa de caráter exploratório, factual, bibliográfica, fundamentada na leitura de autores clássicos sobre o tema do ensino da Literatura e a literatura de quadrinhos.

Esta investigação elegerá o materialismo dialético, como seu método de pesquisa direcional, considera - se que ele é o que melhor se apresenta como capaz para analisar e discutir as causas internas e externas do objeto. A escolha por este método, dá-se, pelo fato de que está-se a referir ao ensino de Literatura, criação de hábitos de leitura e que, historicamente, sobrexiste toda uma construção vinculada ao acesso à leitura, grau de instrução familiar, cultura em si, em seu sentido mais amplo, expectativas de vida, visão de futuro.

Trabalhará, ainda com a semiótica, a fim de poder ampliar a discussão e a análise dos processos de produção e síntese dos objetivos teóricos e empíricos, previamente planejados.

Utilizar-se-á, ainda, o método analítico-sintético-sintético-analítico, que se trata de uma revisão sistemática profunda, que parte do global para o particular/singular e destes de volta ao global, por ser este método o que melhor propicia condições de conhecer em maior profundidade, os procedimentos e os trabalhos já levados a efeitos e as obras já publicadas que tratam do assunto.

Nicollá Abbagnano (2007) esclarece que “chama-se analítico o método pelo qual as verdades são dispostas na ordem em que foram encontradas ou ao menos em que poderiam ser encontradas. Chama-se sintético o método pelo qual as verdades são dispostas de tal modo que cada uma possa ser mais facilmente entendida e demonstrada a partir da outra” (WOLFF, s.d., *apud* ABBAGNANO, 2007, p. 51).

Aqui, faz-se esclarecer que se busca uma construção intelectual de investigação em que se toma o todo pelas partes e destas para o todo, na tentativa

de elaboração de um processo de interpretação e em seguida, a sintetização do que tenha sido alcançado pela pesquisa bibliográfica e empírica.

O autor, supracitado, ainda persiste em sua argumentação afirmando que,

A ordem didática pode ser sintética, isto é, *compositiva*, ou analítica, isto é, *resolutiva*. A ordem sintética vai dos princípios ao principiado, dos constituintes ao constituído, das partes ao todo, do simples ao composto e é empregada pelo lógico, pelo gramático, pelo arquiteto e também pelo físico, quando passa das plantas aos animais ou dos seres menos perfeitos aos mais perfeitos. A ordem analítica procede por via oposta e é própria do físico e do ético, na medida em que este último passa, por exemplo, da consideração do fim à consideração da ação honesta (*JUNGIUS, Lógica hamburgensis*, 1638, IV, cap. 18, *apud* ABBAGNANO, 2007, p. 52).

Como parte integrante da exploração pragmática do assunto, serão elaboradas oficinas temáticas de literatura, com a finalidade de aproximar o estudante da realidade objetiva, ouvi-lo em suas nuances mais profundas e dúvidas epistemológicas.

Como produto final, será elaborado uma *sequência didática*, que conterà *Estratégias didático-metodológicas para o ensino de literatura aos alunos do Ensino Médio Utilizando a Literatura de Quadrinhos*.

Tendo em conta o feito de que esta investigação aborda um tema de caráter social dentro da educação, a metodologia utilizada nesse trabalho foi um *estudo empírico exploratório*, por permitir a aproximação do pesquisador com a realidade sobre a qual formulou uma pergunta, e, nesse caso, utilizou-se a investigação *qualitativa*, que consiste em estudar detalhadamente um contexto específico. De acordo Lüdke e André (1989, p. 21), “[...] dessa forma o objeto estudado é dado como único, uma representação singular da realidade que é multidimensional e historicamente situada.”

A característica metodológica da pesquisa *qualitativa* se caracteriza pela observação e a interação com os participantes do fenômeno, a imersão em particular do pesquisador-científico em seu contexto e descobrimentos através da recompilação de dados. Para Sautu et al (2010, p. 40) “as estratégias metodológicas qualitativas em suas investigações enfatizam a discussão daqueles princípios envolvidos para dar sustentação à posição metodológica. Os pressupostos metodológicos possuem uma relação direta com a postura do investigador frente a seu objeto de investigação. Em investigações *qualitativas*, se postula que a realidade não só é subjetiva como também é inter-subjetiva, e os investigadores mesmos, portanto atores sociais que intervêm,

participam da produção e reprodução do contexto de interação que elegem para investigar. Por ser uma busca dentro do campo da educação, a proposta *descritiva*, tem como objetivo a compreensão interpretativa das interações humanas (lógica indutiva) e, se é assim, a experiência, a coexistência dos métodos utilizados pelo professor para o ensino de literatura brasileira para os estudantes utilizando quadrinhos marca o princípio desta pesquisa.

Pérez Serrano (1998 *apud* Cataldi y Lage, 2004), esclarece que a metodologia “é um conjunto de estratégias, táticas e técnicas que permitem descobrir, refinar e consolidar o conhecimento” (p. 01). O tema desta pesquisa foi relacionado ao paradigma *interpretativo*, que tem como suposto básico a necessidade de compreensão do sentido da ação social no contexto do mundo sobre a vida e sobre as experiências subjetivas do indivíduo e o enfoque metodológico utilizado foi de caráter *exploratório*, considerando que examinou um tema de investigação, relativamente, pouco abordado, nesse caso, os marcos teóricos do ensino de literatura brasileira no formato de quadrinhos.

## O PROBLEMA DA INVESTIGAÇÃO

Há professores tratam a aprendizagem da literatura como se fosse um código a ser apropriado, cujo ensino se garante através de métodos. Sem dúvida, a aprendizagem da literatura caracteriza-se como um período muito importante da formação escolar de uma pessoa e é muito importante que os professores tenham habilidades necessárias para desenvolver nos estudantes o domínio da leitura e da compreensão dos textos.

De uma forma geral, tradicionalmente o ensino da literatura inicial se dá com professores transmitindo seus conhecimentos baseando-se na leitura dos clássicos, memorização de textos e falas, datas e eventos e utilização de cópias descontextualizadas, sem entender certas dificuldades dos estudantes, ou seja, a maioria dos professores entende o processo de ensino da literatura apenas como uma técnica a ser desenvolvida.

Neste sentido, para que a aprendizagem tenha sentido e seja realmente realizada, há de se respeitar e aproveitar todo o conhecimento adquirido pela estudante antes de chegar à escola, e, amparado e direcionado por todas as

propostas educacionais específicas aos alunos das escolas públicas, a relevância dessa pesquisa acadêmica está na busca de conhecer a metodologia utilizada pelos professores da área de literatura, buscando responder à seguinte pergunta norteadora: “A oferta de obras literárias brasileiras na linguagem quadrinística em consonância com o texto original em sala de aula pode envolver o estudante de ensino médio com a leitura do cânone, na disciplina de Literatura Brasileira”?

O desafio desse trabalho é responder a estes questionamentos para que possa analisar e discutir como tem sido realizado o ensino da leitura, da escrita e da literatura clássica brasileira, no Ensino Médio, a partir de uma análise empírica com estudantes da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Padre Manoel da Nóbrega”, município de Montanha – ES, seus sucessos e desafios.

## OBJETIVOS DA INVESTIGAÇÃO

Essa pesquisa tem os seguintes objetivos que serviram para a organização e encaminhamento do mesmo:

### **Objetivo Geral**

Promover o encontro dos estudantes com a literatura através dos quadrinhos por meio da análise de obras de autores consagrados no assunto, que averigue a linguagem, a metalinguística, os diálogos, a estilística, os clichês e a semântica.

### **Objetivos Específicos**

Analisar como a literatura e os quadrinhos confluem para uma aprendizagem mais dinâmica em sala de aula;

Proporcionar aos estudantes a ampliação dos seus horizontes e a diversificação de seus conhecimentos, através da leitura de história em quadrinhos;

Apresentar estratégias de ensino da literatura para estudantes do Ensino Médio que utilize a literatura de quadrinhos.

## VARIÁVEIS

As variáveis são elementos constitutivos de hipóteses válidas e sustentáveis na busca de definições de causa e efeito que impedem o avanço de desequilíbrios nas interpretações. A expressão *variável* é simbólica, por isso não pode ser ligada a um sentido variável, instável, porque ela se refere a algo fixo estável, coeso e concreto.

**Variável Independente (VI)** – Projeto investigativo. A variável independente não se prende à investigação; é aquela que o investigador seleciona ou manipula fatores determinando os seus efeitos noutras variáveis, especialmente quanto à variável dependente. Por esse motivo, a escolha do objeto supracitado.

**Variável Dependente (VD)** – é resposta dada pelo objeto investigado/analísado. A variável dependente é a característica ou características alteradas pela manipulação da variável independente. Podem ser os resultados, o processamento cognitivo, a relação custo-eficácia, a igualdade de acesso à informação. No caso específico desta investigação, quer-se conhecer as respostas aos procedimentos educativos utilizados na práxis para o ensino-aprendizagem da literatura brasileira utilizando quadrinhos.

## DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo em nível de mestrado faz um recorte no sentido de apresentar a relevância da contribuição do ensino da literatura utilizando a metodologia de quadrinhos e sua conseqüente influência na formação epistemológica e cidadã dos alunos, entendendo *Epistemologia* ou teoria do conhecimento como a crítica, estudo ou tratado do conhecimento da ciência, ou ainda, o estudo filosófico da origem, natureza e limites do conhecimento.

## CLASSIFICAÇÃO

A pesquisa foi classificada quanto à sua natureza, abordagem, método objetivo e procedimento, da seguinte maneira:

**Natureza:** pesquisa Exploratória. A mesma é classificada desta forma porque busca responder um problema para o qual não se tem antecedentes históricos confiáveis o

suficiente para garantir uma abordagem ampla e que demonstre segurança na análise e interpretação dos dados. Desta forma, o pesquisador tem que debruçar-se na descoberta de elementos que possam lançar luz sobre o problema, permitindo clareza nos trabalhos interpretativos e dedutivos.

**Abordagem:** Qualitativa. A pesquisa é qualitativa porque possui um caráter exploratório, *i.e.*, visa estimular os entrevistados a pensarem livremente sobre o tema pesquisado. Busca, ainda, compreender os aspectos subjetivos e atingir motivações não explícitas de maneira espontânea sobre percepções e entendimento acerca da natureza geral do objeto de estudo, como sentimentos, sensações, percepções, pensamentos, intenções, comportamentos passados, entendimento de razões, significados e motivações, abrindo possibilidades para a interpretação. O estudo, em caráter qualitativo parte do princípio de que “o estudo da experiência humana deve ser feito, entendendo que as pessoas interagem, interpretam e constroem sentido” (OLIVEIRA, 2007, p. 03).

**Método Objetivo:** Descritivo, Analítico e Explicativo. O processo de produção do conhecimento científico precisa ser objetivo, e o cientista deve ser imparcial na interpretação dos resultados. Para tanto, a análise dos resultados seguirá com rigor as exigências éticas metodológicas procurando descrever com a maior fidedignidade as repostas dos entrevistados, visando a um esclarecimento e explicação científica dos fatos registrados.

Pesquisa descritiva é aquela que “deseja conhecer a sua natureza, sua composição, processos que o constituem ou nele se realizam” (RUDIO, 2004, p. 71). A pesquisa descritiva exige do investigador uma série de informações sobre o que deseja pesquisar. Esse tipo de estudo pretende descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade (TRIVIÑOS, 1987).

Esclarece este autor que os estudos descritivos podem ser criticados porque pode existir uma descrição exata dos fenômenos e dos fatos. Estes fogem da possibilidade de verificação através da observação. Ainda para o autor, “às vezes não existe por parte do investigador um exame crítico das informações, e os resultados podem ser equivocados; e as técnicas de coleta de dados, como questionários,

escalas e entrevistas, podem ser subjetivas, apenas quantificáveis, gerando imprecisão” (TRIVIÑOS, 1987, p. 112).

É de cunho analítico porque realiza uma minuciosa análise dos dados coletados a campo com a finalidade de compreender as nuances antropológicas, psicológicas e sociológicas que compõem a *psique* social e desta forma dar legitimidade ao trabalho.

A pesquisa é explicativa porque “[...] preocupa-se em identificar os fatores que determinam ou que contribuem para a ocorrência dos fenômenos na tentativa de explicar o porquê das coisas por meio dos resultados alcançados. uma pesquisa explicativa pode ser a continuação de outra descritiva, posto que a identificação de fatores que determinam um fenômeno exige que este esteja suficientemente descrito e detalhado” (GIL, 2007, p. 43).

**Procedimento:** Pesquisa-Ação. Caracteriza-se como pesquisa-ação, porque o pesquisador esteve envolvido na busca pelas soluções das questões elencadas, partindo de uma inquietação pessoal do pesquisador para o entendimento do problema e uma possível solução por meio de investigação empírica, fazendo uso de questionários e entrevistas com membros da sociedade.

Segundo Thiollent (1988, p. 14), “a pesquisa ação é um tipo de investigação social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”, tomando os devidos cuidados para que não venham a produzir nenhum viés que comprometa a idoneidade e a confiabilidade da investigação.

Nesse sentido, Fonseca (2002) enfoca que,

A pesquisa-ação pressupõe uma participação planejada do pesquisador na situação problemática a ser investigada. O processo de pesquisa recorre a uma metodologia sistemática, no sentido de transformar as realidades observadas, a partir da sua compreensão, conhecimento e compromisso para a ação dos elementos envolvidos na pesquisa (p. 34).

O objeto da pesquisa-ação é uma situação social situada em conjunto e não um conjunto de variáveis isoladas que se poderiam analisar independentemente do resto. Os dados recolhidos no decurso do trabalho não têm valor significativo em si, interessando enquanto elementos de um processo de mudança social. O investigador

abandona o papel de observador em proveito de uma atitude participativa e de uma relação sujeito a sujeito com os outros parceiros. “O pesquisador quando participa na ação traz consigo uma série de conhecimentos que serão o substrato para a realização da sua análise reflexiva sobre a realidade e os elementos que a integram. A reflexão sobre a prática implica em modificações no conhecimento do pesquisador” (*Id.*, p. 35).

## OBJETO DA PESQUISA

Esta investigação tem como objeto geral de estudo *o processo de ensino de literatura brasileira a estudantes do Ensino Médio*. E partiu-se em busca de respostas aos diversos questionamentos oriundos da insatisfação pedagógica e didática que sempre foram apresentadas pelos professores acerca da necessidade de lançar luzes sobre as bases de ensino-aprendizagem e as desconstruções necessárias para que este processo tome uma estruturação científica. O que motivou a busca científica neste sentido foi ir ao encontro das respostas aos questionamentos surgidos através de anos de experiência trabalhando como professor de literatura e letras vernáculas

## SUJEITOS

Os sujeitos escolhidos para a realização deste estudo foram os estudantes das turmas de Ensino Médio da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Padre Manoel da Nóbrega”.

## INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

Como instrumentos de coleta para os dados se utilizou, com o intuito de alcançar os resultados partindo dos objetivos planejados, uma busca por meio de métodos teóricos, a eleger o método histórico-lógico, em que se busca aplicar a lógica abstrata aos objetivos traçados, *a priori*, em que se empenha para aprofundar nas principais concepções acerca do processo de ensino-aprendizagem; a formação e desenvolvimento da competência comunicativa; assim como nos antecedentes epistemológicos dos alunos e a práxis dos professores, até o ponto de revelar as

regularidades e contradições essenciais como uma das fontes do projeto; utilizou, ainda o método analítico-sintético que se aplica sobre todo o processo de estudo histórico e diagnóstico didático-pedagógico, sobre o qual se avançou pela análise, à integração e síntese na estruturação do projeto enriquecido; método indutivo-dedutivo para adequar os processos observados, os resultados da análise dos instrumentos aplicados, estabelecimento de juízos, buscando revelar regularidades e conduzir a conclusões; método sistêmico-estrutural para o estudo de aspectos relacionados com o caráter sistêmico dos valores; a orientação geral; a delimitação das partes a proposta do projeto curricular e modelação, para analisar, teoricamente, o projeto curricular aplicado às classes de estudantes.

*Aporte teórico* - constituiu na busca de pressupostos teóricos acerca da formação da cognição humana e dos métodos de ensino-aprendizagem de literatura brasileira, na expectativa de formação de processos mentais superiores.

*Aporte prático* - constituiu em uma aplicação empírica direta, participante, onde se pode observar e assim analisar suas perspectivas e vivências pessoais, tendo como suporte a atuação pragmática dos métodos de ensino neste processo educativo, tentando criar situações de aprendizagem, que se apresentem de maneira independente, autônoma, criativa.

## ANÁLISE DOS DADOS

A análise dos conteúdos coletados, empiricamente, deu-se a partir de uma leitura criteriosa e seleção por categorias das respostas obtidas nos questionários de pesquisa e nas entrevistas, para tanto, valendo-se da *análise do discurso*.

A análise do discurso é um método cujo objetivo é não somente compreender uma mensagem, mas reconhecer qual é o seu sentido, ou seja, o seu valor e sua dependência com um determinado contexto. É [...] o estudo de palavras e expressões: tanto a forma quanto o uso no contexto, além dos significados ou interpretações de práticas discursivas (EITERER, 2013, p. 05).

Segundo o autor supracitado as entrelinhas são muito importantes de serem verificadas na análise do discurso. As intenções não verbalizadas, mas inseridas na prática discursiva devem ser levadas em conta. Por isso, os textos analisados devem ser completos, incluindo a situação em que ele foi realizado, os objetivos para o qual prestou o texto e como foi recebido o texto (*Id.*).

A construção desse dispositivo [teórico] resulta na alteração da posição do leitor para o lugar construído pelo analista. Lugar em que se mostra a alteridade do cientista, a leitura outra que ele pode produzir. [...]. Por isso é que dizemos que o analista do discurso, à diferença do hermeneuta, não interpreta, ele trabalha (n)os limites da interpretação. Ele não se coloca fora da história, do simbólico ou da ideologia. Ele se coloca em uma posição deslocada que lhe permite contemplar o processo de produção de sentidos em suas condições (ORLANDI, 2005, p. 61).

Entende-se assim que, por meio da Análise do Discurso, pode-se chegar a um entendimento bastante claro e consciente sobre o que realmente alimenta expectativas. Uma análise do discurso, pois, vai perguntar-se por aquilo que um texto silenciou e por que o fez, pois isso será extremamente importante para observar e descrever o tipo de determinação social que é de ordem ideológica e que não só organiza a hierarquia dos lugares sociais de fala, mas de todo o universo sociocultural. Se for a ideologia que, incluindo e excluindo e, aí, hierarquizado, busca homogeneizar o heterogêneo tecido social, os silenciamentos, uma vez localizados, vão constituir as contradições que serão pistas ideológicas por que apontam para as diferenças que se dão entre os diversos sistemas de referências de determinada cultura. Enfim, apontam para um tipo de descontinuidade que não é só discursiva, mas também e antes de tudo, social (VOESE, 1997).

Com base no questionário de pesquisa não estruturado, elaborado de forma a responder as hipóteses da problemática da pesquisa, buscamos subsídios para realizar uma análise comparativa que consiste em estruturar uma comparação onde se busca evidenciar aqueles aspectos que distinguem os elementos comparados. Os dados dos questionários bem como as discussões e explicações/interpretações elaboradas em torno das respostas foram realizadas usando o método da hermenêutica, visando ao máximo de clareza e objetividade quanto aos resultados obtidos, por meio da pesquisa empírica. E neste processo de interpretação, parte-se para uma hermenêutica da história que é contada pelos participantes que envolvem toda a gama de entrevistados de maneira direta e indireta.

### 3 MARCO REFERENCIAL TEÓRICO

Os desafios que vem sendo postos aos educadores de todas as áreas do saber humano confluem para que se busquem alternativas e estratégias de ensino nestes campos, como uma forma de proporcionar aos sujeitos do saber o direito público subjetivo de natureza social ao conhecimento aprimorado e que satisfaça suas capacidades/potencialidades de assumir-se como sujeito de sua aprendizagem intelectual de modo autêntico e autônomo.

Esta abordagem, em que a técnica de ensino considera o sujeito desta aprendizagem como aquele que deve ser visto, ao final do processo, como alguém que detém a posse de tal elemento como uma conquista sua agregada ao trabalho de desenvolvimento do profissional exige que se busquem estratégias de ensino adequadas aos novos tempos, em harmonia com a possibilidade de acesso do sujeito em adequar-se a tais procedimentos de ensino.

Vale destacar que, o ensino de Literatura brasileira não se trata de um processo fácil, porque engloba inúmeras variáveis, de maior ou de menor impacto sobre o aprendiz, dentre as quais podemos destacar a necessidade de se conhecer, sob a perspectiva sociológica, os ambientes e os costumes específicos de cada época, em que viveu o autor e respectivamente, os personagens retratados na trama.

Agrega-se ademais, o vocabulário da época, em que se costumam referir-se como sendo rebuscado demais, muito formal, entre outras situações de exagero, demonstrando falta de conhecimentos específicos sobre cada momento da cultura linguística brasileira, tornando-se outro fator de complicação exagerado no ensino sistemático da literatura, porque, de imediato estas crenças, sem fundamento pragmático, transformam-se em verdades, afastando o público-alvo da aprendizagem da possibilidade de uma aprendizagem eficiente do tema.

Isto obriga aos pensadores a elaborarem estratégias de ensino de literatura, de forma a que todos os envolvidos possam travar contato com os textos de autores clássicos, preconizando aprendizagens de elevado nível contextual e social. Uma destas estratégias de ensino aplicadas à literatura clássica brasileira é a utilização, em sala de aula, de romances literários reescritos em forma de quadrinhos.

Na concepção de Pina (2014, p. 149), “os quadrinhos nasceram com a reprodutibilidade do impresso e seu consumo amplificado, mesclando estratégias

verbais e não verbais de interação com diferenciados segmentos de público e narrando visualmente variados tipos de histórias”, tem se mostrado como uma poderosa ferramenta metodológica de ensino de literatura clássica, principalmente, porque fragmenta os tópicos de leitura e ainda mescla o visual e o escrito, ampliando a capacidade de síntese imagética pelo leitor.

Não se está aqui, tratando da literatura de quadrinhos que, tem sua história realçada a partir dos *pulps* e *fanzines*, tipo de produtos muito comuns nos Estados Unidos da América, no início do Século XX (SOUZA, 2018). O que se aborda aqui é uma adaptação do texto clássico, acabando com a distinção entre clássico/elitário, representado pela criação de obras em prosa ou verso, sem imagens e não clássico/popular considerado como sendo de valor inferior, em que o professor distinguia seus estudantes pelo tipo de leitura que realizavam.

Este preconceito com relação aos textos em quadrinhos advém do fato de que os produtores destes buscar um mercado não especializado em que o leitor focalizado não estava em condições intelectuais de fazer grandes aprofundamentos teórico-reflexivos ou, simplesmente, não se interessavam em realizar tais coisas. Buscava tais leituras, com o simples intento de divertir-se, distanciar-se do mundo real.

Com a ampliação do acesso à educação por parte de uma massa que necessitava de novas formas de ensino formal, seja porque suas raízes antropológicas e/ou sociais não lhes proporcionaram um contato mais refinado com a perspectiva da leitura, coube à escola encontrar formas eficientes e que pudessem mostrar-se eficazes para promover o ensino formal daquilo que se preconiza nos currículos, o que já de antemão, ao referir-se aqui a tal ação, transparece que o ensino de literatura clássica brasileira por meio de quadrinhos não é uma diminuição da mesma, antes, trata-se de uma metodologia de ensino, que visa aproximar o estudante do saber vernáculo aos textos e autores vernáculos, o que se mostra como um autêntico papel de inclusão social e promoção do ensino a todas as classes.

Caberá ao professor, titular de sua respectiva área, selecionar que autores melhor se adaptam aos seus estudantes, analisando a idade-série, o potencial cognitivo, o interesse pela leitura, seu grau de conhecimento sobre as obras disponíveis e a partir de tal diagnóstico construir seu plano de trabalho didático que incluirá técnicas de redação, como resenhas, dinâmicas de grupo, narrativas orais,

escritas e outras formas que julgue pertinente, a fim de ampliar e potencializar o horizonte linguístico e de leitura, análise, interpretação e síntese do estudante.

Toda esta análise investigativa sobre o potencial dos estudantes mostra-se necessária, porque há sempre que ter muito claro que “ler é bem mais que decifrar caracteres escritos ou impressos: é interpretar. É colocar em interação identidades e diferenças, é ter sobre o objeto uma perspectiva temporal, cultural” (PINA, 2014, p. 151), e na atual conjuntura, em que se tem como prerrogativa a inclusão de uma parte da população que, historicamente, esteve afastada dos produtos de maior capacidade potencializadora dos procedimentos de formação humanística, a construção de meios de atender a este grupo de forma a que alcance os processos fundamentais de aprendizagem e contato direto com elementos teóricos e o pensamento dos grandes mestres da literatura vernácula e internacional, contribui, sobremaneira para garantir tal formação integral.

Quando um autor literário descreve uma situação em seus trabalhos, está a realizar uma síntese fina de seus problemas políticos, a partir de sua lente que é transferida a um personagem, este que não é ninguém mais que ele mesmo, expresso e transposto para um local onde esteja a haver a ocorrência de alguma distopia e, como sempre haverá o medo de ser atacado pela censura, o escritor utiliza de uma linguagem romântica, metafórica, em que pode fazer uso de sua licença poética para mostrar sua consternação e indignação ante o presente que vive.

Em sua forma original, clássica, o leitor, caso não tenha o devido preparo linguístico pode não alcançar esta condição de interpretar o texto, o que faz com que o processo de quadrinização, auxilie em tal situação, porque as sequências de pensamento são interrompidas a cada pedaço de tempo e torna-se especializado, permitindo a formação de cadeias de ideias, possibilitando e potencializando o entendimento do texto clássico, antes incompreensível, somente por causa da dinâmica linguística com que é apresentada ao leitor.

A este respeito, Pina (2014) ressalta que todo o cuidado no manejo da linguagem pode ser determinante para uma boa ou uma má condição de aprendizagem, porque “as linguagens contatam, sintonizam e atualizam nossos sentidos e nossa capacidade de entrar na cadeia de semiose. Ao interagirem entre si, as linguagens, associadas às características das mídias que as suportam e veiculam, transformam e potencializam a cadeia semiótica” (PINA, 2014, p. 151).

Podendo compreender da exposição da autora que, com a quadrinização, o que se busca é exponenciar o universo semiótico e construir toda uma cadeia de elaboração do pensamento do estudante, fazendo com que a aprendizagem da literatura deixe de ser algo distante da realidade e se transforme em algo fluido e capaz de ser absorvido pelo mesmo com maior capacidade de apreensão do saber adquirido.

Há que esclarecer que toda estratégia de ensino, especialmente estas que se vinculam aos trabalhos de línguas vernáculas e literaturas clássicas, já trazem em seu bojo uma aura de superioridade, mistério, que tende a assustar aos estudantes, pela simples menção ao autor que as produziu e, por si só, tal ação cria impossibilidades de aprendizagem e absorção dos conteúdos. Assim que, o processo de quadrinização rompe com esta construção fantasmagórica que passou a envolver as construções literárias, possibilitando ao professor atingir objetivos mais amplos em sua práxis.

Neste sentido, segundo Vergueiro (2009),

A interligação do texto com a imagem, existente nas histórias em quadrinhos, amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir. Na medida em que essa interligação texto/imagem ocorre nos quadrinhos com uma dinâmica própria e complementar, representa muito mais do que o simples acréscimo de uma linguagem a outra – como acontece, por exemplo, nos livros ilustrados –, mas a criação de um novo nível de comunicação [...] (VERGUEIRO, 2009, p. 22).

Vergueiro esclarece que a quadrinização de obras literárias clássicas cria um universo singular de entendimento da obra, porque assume uma nova postura e uma forma particular de ser e estar exposta ao leitor. Ressalta que ela assume uma posição própria, uma sintetização que é construída em conjunto por aqueles que elaboram a adaptação, compreendendo que não basta traduzir a linguagem vernácula clássica para uma linguagem mais próxima da realidade social em que se comporta a população das escolas públicas, há que ter todo um estudo, profundo e dinâmico, para que a essência do texto original mantenha-se presente e acessível quando da interpretação pelo estudante-leitor. Diferentemente disto, ter-se-ia, uma construção arbitrária, visado a atender a um nicho de mercado e não é a isto que se presta a elaboração de tal propositura com a adaptação quadrinística dos textos clássicos.

Patrícia Pina (2014) esclarece que a intenção do texto adaptado, ainda que apresente suas variações, que são próprias em decorrência da mudança de estilos, deve buscar manter a harmonia e a caracterização do pensamento do autor em todas

as suas especificidades estéticas, mesmo que haja um realce de transmutação temporal e cultural, considerando que, no processo adaptativo, por mais fiel que o artista se proponha e mesmo que tente a manter, distanciando-se da elaboração temática, seus traços de originalidade e personalidade fazem-se presentes. A autora explica que,

No processo da adaptação quadrinística, o texto adaptante reconfigura o texto adaptado em níveis e graus variados, o que resulta em um espessamento da relação do texto com o leitor. A quadrinização de textos literários é uma forma de produção artística que se expõe como intervalar, pois em sua própria denominação conjuga duas linguagens originalmente polarizadas (PINA, 2014, p. 154).

Assim que, quais os riscos que envolvem a produção artística de quadrinização de obras consideradas como sagradas? A busca por uma resposta a esta questão envolve saber que elementos foram considerados e imputados ao autor original quando de análises de sua construção intelectual. Machado de Assis (1839-1908) é um destes escritores enigmáticos, em que a quadrinização de seus clássicos podem ter uma sequência que pode conduzir a erros de interpretação ou não, porque ele é tão exigente na exposição dos detalhes que expõem seus personagens que, caso o artista siga a construção dada pelo autor original, o leitor será conduzido a uma percepção muito aproximada do que é.

Outro exemplo de uma obra de Machado de Assis que não oferece muita dificuldade para adaptar via quadrinhos é *Esaú e Jacó*<sup>10</sup>, uma vez que se trata de um texto já escrito em forma de aforismos, cujo significado é *limitação, definição breve, sentença*. Embora estes condensem conceitos amplos em poucas palavras, os aforismos nem sempre têm intenção de ser uma verdade absoluta, encerrada em si e para si: podem, muitas vezes, ser uma metodologia de expressão de pensar. Quando faltam palavras para definir coisas que por vezes parecem inomináveis ou indefiníveis, lá estão os aforismos, prontos para verbalizar pensamentos e sentimentos (PREZ, 2019) e a linguagem utilizada aproxima-se de uma expressão da vida existencial, em sua máxima crueza realística, fugindo de seu costumeiro estilo rebuscado de expressão dos sentimentos humanos linguístico-literários.

---

<sup>10</sup> Obra publicada, originalmente, em 1904, em que Machado de Assis assume uma postura muito formal, existencialista, filosófica, talvez por influência do pensador alemão Friedrich Nietzsche (1844-1900). Isto permite que a obra seja lida como um romance em estilo aforístico ou como uma reflexão profunda sobre a vida, a existência e o ser. (O Autor, 2019).

P. Pina (2014) faz uma observação profunda com relação à adaptação de textos literários clássicos para os quadrinhos, em que segundo a autora, o leitor deve ser capacitado a sentir-se atravessado pela experiência do que irá ser adequado a sua construção intelectual, isto porque o texto original mantém-se vivo e preponderante na conjuntura mesmo da obra adaptada, esclarecendo que o roteirista realiza um processo dinâmico de intertextualidade e não supra textualidade ou transtextualidade, tomando o cuidado aqui de expor que, ao adaptar, o artista introjeta sua visão sobre o que é realizado e não pode-se perder de vista que haverá vieses os quais não podem interferir na estrutura intelectual da obra. Abe, assim, ao professor, que seja preparado o suficiente para orientar as leituras e as análises até o limite de que o estudante saiba o que buscar e porque de fazê-lo, ao longo dos seus estudos autônomos e em grupo.

Assim se expressa a autora supracitada, com relação à adaptação de obras canônicas para os quadrinhos:

No processo de adaptação para os quadrinhos, ainda que a mídia seja a mesma da literatura, as linguagens interagem e o texto adaptante, mostrando-se em sua intertextualidade, convida o leitor a atravessar o lido, a interpretar e criar, a partir dos jogos textuais. O texto adaptado não é apagado, ele permanece no texto adaptante. Mas este não se submete àquele: são textos diferentes, um reconfigurado pelo outro, que não esconde essa marca, pelo contrário, se mostra exatamente como transcrição, transmutação (PINA, 2004, p. 159).

Esta colocação de Pina (2014) acende uma condição de alerta, porque exige que o professor esteja interado na condição desta apropriação do texto original pelo adaptado, não estando sujeito a reduzir-se a ele, como algo que possa explicar a formação de um leitor crítico, capaz de fazer conexões complexas a partir do pensamento original dos autores.

Da mesma forma que ela explica em que há um processo que transcende a criação original, tendo como ponto de partida e de chegada a a obra original, o professor deve ser capaz de entender que necessita criar estratégia de ensino para si mesmo e pensar em como seu estudante irá aprender e apreender o que lhe está sendo ofertado. Mesmo que se diga que há avanços nos processos de aprendizagem, fica-se na meia curva exponencial sobre o que fazer depois que foi proporcionado o gosto eclético pela leitura de literatura vernácula clássica e internacional nos estudantes.

Santos (2015) argumenta que

São desejáveis experiências didáticas que visem fortalecer essa possibilidade, resultando em benefícios para a área de literatura e de artes visuais; conseqüentemente, o educando será estimulado à leitura da linguagem literária clássica por meio de outra linguagem, a visual. Será possível perceber, em decorrência, a integração das duas linguagens na leitura e produção de literatura em quadrinhos (pp. 05-6).

Como estratégia de ensino de literatura e incentivo na formação de leitores, Pina (2014) ressalta que, “os textos, quando associados às imagens, diminuem significativamente o tempo de estudo e, na maioria das vezes, promovem maior entendimento por meio da possibilidade de reunir muito mais informação em menor espaço, além de exemplos que gerariam páginas de descrição” (Id., 2014, p. 02).

Esta capacidade de proporcionar maior elasticidade a que a autora atribui aos quadrinhos pode ser devido ao formato de imagens, que permite uma sobreposição de análises, linguagens e leituras dos processos de entendimento do que é posto, como desafio ao estudante. A leitura da imagem, às vezes, proporciona maior amplitude de capacidade de compreensão, tomando o devido cuidado para não cercear a capacidade crítica de interpretação crítica do estudante, ressaltando que, ao quadrinizar textos não se pode transformar a atividade didática de ensino da literatura em redundância, reduzindo-a a uma mera atividade política ideológica com intenções de inclusão de sujeitos marginalizados, muitas das vezes, desinteressados de qualquer tipo de esforço intelectual-cognitivo. Isto faz surgir a necessidade premente de

Um projeto de leitura que envolva a associação entre o texto literário e sua recriação pela HQ pode se configurar como ação importante no estímulo à formação leitora de estudantes do Ensino Médio, o que evidentemente pode ser profícuo para todas as séries da Educação Básica. Isso porque a literatura transmutada para a história em quadrinhos pode ser uma grande provocação a crianças e jovens tão afeitos às visualidades, já que sujeitos de uma época em que as imagens prevalecem nos discursos mais acessados (SANTOS, 2015, p. 09).

Patrícia Pina é enfática, ao defender esta postura e esclarece, a fim de dirimir quaisquer intervenções e interpretações de cunho pejorativo e diz que, “por meio da adaptação de um texto literário para as HQs, tem-se maior acessibilidade e compreensão de sua linguagem, auxiliando no processo de aproximação do indivíduo com a leitura e constitui uma estratégia eficaz de ensino para aplicação no ambiente escolar” (2014, p. 03).

Há que destacar que, quando se fala em estratégia de ensino, pensa-se em longo prazo, em que se têm objetivos de ensino, assimilação, acomodação, síntese e

aprimoramento deste saber aplicando-o a outros setores do saber e na construção da personalidade leitora-interpretativa. Como isto será processado, depende da ação educativa, didático-pedagógica, em que o professor pensa a ação docente seguinte à medida que seu estudante demonstra o aperfeiçoamento e a absorção dos conteúdos, que, deve-se salientar, não é original, tendo sofrido impactos daquele que o adaptou.

Neste sentido, Pina volta a alertar para o fato de que,

O ato da leitura de um texto resultante de um processo de adaptação, segundo entendo, demanda a encenação do próprio processo: ler uma adaptação quadrinística, por exemplo, feita a partir de um romance de Machado de Assis, demanda saber que o texto de chegada não é autônomo – ele demanda o estabelecimento de relações de sentido com o texto de partida (PINA, 2014, p. 152).

P. Pina chama a atenção, nesta epígrafe, para a formação do professor, no sentido da questão didática, em que a escolha de um texto deve obedecer a critérios de conhecimento profundo acerca do autor, de como pensava, os aspectos sociológicos que envolvem a obra, toda a filosofia que marca o pensamento do mesmo, a psicologia do objeto analisado, estudado e seu próprio grau de entendimento e compreensão da obra a que se propõe apresentar aos estudantes.

Este, na maior das vezes, tem representado o maior desgaste no ensino de literatura, em que o professor deseja parecer erudito e indica leituras de textos de autores de nível intelectual e de complexidade muito elevada, sendo que nem ele mesmo compreende do que se trata e com isto, termina por impor aos seus estudantes verdades epistemológicas não condizentes com o que de fato tenta expor o autor em seus trabalhos. Logo, segundo a autora, o professor *deve* conhecer o texto em sua versão original, dominar os elementos vernáculos, a sintaxe, a conjuntura semântica estrutural, contextual e de igual forma, analisar e compreender as mudanças que o mesmo sofreu, ao ser submetido ao processo de adaptação.

Seguindo esta óptica, Vergueiro (2010) salienta que a literatura em quadrinhos é uma metodologia de ensino que deve ser pensada e estudada de modo a atingir fins claros e objetivos, exigindo, para tanto, estudos e performance, de acordo com a exigência dos objetos-alvos. “Os quadrinhos não podem ser vistos pela escola como uma espécie de panaceia que atende a todo e qualquer objetivo educacional” (Id., p. 27).

O objetivo não é ensinar literatura, é utilizar tal tática como um meio para se atingir um fim, que é o de despertar os estudantes para o gosto e a paixão pela

literatura clássica, possibilitando uma condição mais favorável de entendimento do que foi exposto pelo autor, na hora da confecção do texto original. Isto não dispensa todo um estudo sistemático em torno da obra e do autor.

Para Barbosa et al. (2006, p. 24-25),

Não existe qualquer barreira para o aproveitamento das histórias em quadrinhos nos anos escolares iniciais e tampouco para sua utilização em séries mais avançadas mesmo em nível universitário. A grande variedade de títulos, temas e histórias existentes permite que qualquer professor possa identificar materiais apropriados para sua classe de alunos, sejam de qualquer nível ou faixa etária, seja qual for o assunto que deseje desenvolver com eles.

Ao colocar de modo enfático a condição para se ensinar literatura utilizando uma determinada metodologia que, apesar de ser nova, demanda tanto ou mais domínio por parte do professor quando comparado com a forma tradicional de ensino, pode-se produzir a ideia de que os quadrinhos baixam o nível de intelectualidade/complexidade da obra, permitindo ao leitor seu entendimento completo, o que não condiz com a verdade, porque uma filosofia é uma filosofia, não importando a forma como está expressa e posta ao leitor, porque o veículo apenas transporta a realidade, não a adultera de modo substancial. Logo, todo um estudo acerca da psicologia do objeto-alvo deve ser desenvolvido, a fim de permitir aproximar-se, ao máximo de uma categorização do ensino e da aprendizagem, caracterizando o processo didático, em sua máxima potencialidade.

Ana Mãe Barbosa é professora de Artes, não de literatura, logo, todo o entusiasmo dedicado não condiz com a relativa complexidade com que envolve o assunto e a ação pedagógica de formação integral do homem, objetivo da Pedagogia e o desenvolvimento de uma postura profunda sobre a aprendizagem, objetivo da didática, enquanto ciência autônoma.

Segundo Alexandre Barbosa et al (2008), “as histórias em quadrinhos podem ser uma poderosa ferramenta pedagógica, capaz de explicar e mostrar aos alunos de forma divertida e prazerosa, a aplicação prática de recursos artísticos sofisticados, tais como perspectiva, anatomia, luz e sombra, geometria, cores e composição” (BARBOSA et al, 2008, p. 131).

Estes autores apresentam formas mais sofisticadas e diferentes de alcançar o estágio de aprendizagem dos processos de semiótica a que estarão submetidos os estudantes desde quando adentram o espaço escolar até quando estejam aptos a

caminhar sem o auxílio de um tutor. Até este ponto, há que esclarecer que as histórias em quadrinhos são componentes pedagógicos auxiliares, reforçando que o professor deve ser estudioso em nível elevado, porque necessita compreender os processos que compõem toda a obra.

Perrelli & Stryer (2012) reforçam a ideia de que,

As histórias em quadrinhos podem ser consideradas ferramentas importantes para se iniciar o processo de incentivo à leitura em sala de aula. Nesse sentido, o professor poderá, por meio desse gênero textual, trabalhar com a leitura de textos escritos acompanhados de textos visuais. Levar os alunos a perceberem que existem vários elementos que colaboram para a compreensão do texto, como por exemplo, os indicativos de deslocamentos, sons, espaços entre outros elementos presentes no texto. Muito importante será também fazer a diferenciação entre balões que indicam que a personagem está falando dos que indicam que a personagem está pensando, bem como fazer a exploração das expressões faciais dos personagens (PERRELLI & STRYER, 2012, p. 14).

Os autores citados acima reforçam o aspecto didático que pode ser dado às histórias em quadrinhos, possibilitando fundir a semiótica, as diversas formas de linguagem, os princípios de absorção dos conteúdos postos e a distinção entre os diálogos. Trata-se de uma forma exponencial de ensino e de aprendizagem, que exige formação elementar do professor e categorias de estudo por parte do estudante e assim, entendida, não se trata de baixar o nível dos textos ou dos estudantes; antes deve ser entendida e compreendida como uma técnica metodológica que pode proporcionar excelentes resultados nos campos semânticos do saber e do aprender, proporcionando a formação de habilidades e competências literárias, linguísticas e dialéticas.

## 4 LITERATURA, PARA QUÊ?

Este capítulo inicia-se com uma pergunta, que apresenta-se mais como um tom de epígrafe, porque ao se questionar a utilidade da literatura para a vida, adentra-se o terreno do pragmatismo e pode que não venha a ter uma resposta objetiva. No entanto, não se está tratando de uma arte que se apoia, na atualidade sobre a escrita e que no passado [*não tão remoto*] apoiou-se sobre a retórica, sobre os contos, estes narrados por via oral, até que surgem duas compilações, na cidade de Atenas (Grécia) que mudaria, para sempre, a forma de se fazer a didática (ensino e aprendizagem) da leitura e da escrita. Estas duas obras clássicas, que tornaram-se cânones no Ocidente são a *Ilíada* e a *Odisseia*, a primeira contando a história da Guerra de Troia (que originalmente, chamava-se Ílion, daí o nome da obra) e a saga do herói semideus Aquiles e a segunda contando a história do herói semideus Odisseu, que fica vinte anos perdido no mar, sem poder encontrar o caminho de volta para sua casa, sua esposa e seu filho, após o fim da guerra de Troia, castigado por sua *hybris*, arrogância contra os deuses.

Segundo O. Carpeaux (2008, p. 46),

*A Ilíada e a Odisséia* eram usadas, nas escolas gregas, como livros didáticos; não da maneira como nós outros fazemos ler aos meninos algumas grandes obras de poesia para educar-lhes o gosto literário; mas sim da maneira como se aprende de cor um catecismo. Para os antigos, Homero não era uma obra literária, leitura obrigatória dos estudantes e objeto de discussão crítica entre os homens de letras.

Homero era reconhecido entre os gregos, como o *poeta*, um ser divinizado na literatura sobre o qual não se poderia lançar qualquer tipo de dúvida nem ao menos sendo permitida a discussão de suas obras. No entanto, “para nós outros, Homero não pode ser outra coisa senão símbolo de uma grande obra literária, puramente literária e capaz de ser discutida” (CARPEAUX, 2008, p. 47).

A literatura, tal e qual se conhecem, na atualidade é uma evolução perene de processos simples em que se contavam histórias fantásticas às crianças e mesmo aos adultos sobre como se formaram as coisas na natureza. Com isto, já tem-se que ela nasce a partir da *Physis*, de uma tentativa de compreensão profunda e sistemática da natureza.

Os aedos e os rapsodos, na Grécia, representam os responsáveis pelo nascimento da literatura que chegou até os dias atuais, porque a partir de seus versos

que muitos textos foram formados, ainda na Antiguidade Tardia e na Antiguidade Clássica, têm-se os poetas trágicos, transcrevendo os mitos arcaicos, adaptando-os ao teatro, que floresce na cidade de Atenas.

Neste primeiro instante, já se tem claro qual a utilidade da literatura para a vida. Desde o surgimento de obras escritas, no Ocidente, os dois livros citados acima, foram, por muito tempo, utilizado como material didático para ensino da leitura e da escrita, em Atenas. Mais tarde, a literatura serviu para fins políticos, porque com queda do arcontado-rei e a criação da democracia, o estrategista não dispunha de muita liberdade para atuar sobre o cidadão e assim, necessitava de algo que o coibisse de romper o contrato social. Assim que, as obras literárias serviam para mostrar a este o que lhe ocorreria caso transgredisse os ditames legais tradicionais.

Pouquíssimos livros literários foram impressos depois do fim do período trágico grego e isto se deve ao elevado custo de produção do material, aliado ao fato de que a população era, em sua maioria esmagadora, analfabeta, situação que muda a partir da criação da imprensa por J. Guttemberg (1400-1468), porque ocorre uma drástica redução nos custos, aliado ao crescimento do poder burguês.

Com tal acontecimento, não muda o sentido dado à literatura, apenas que, com o acesso mais amplo a livros, surgem campanhas de alfabetização em massa, com o interesse de que estas pessoas consumissem mais livros e por trás do interesse comercial, criou-se toda uma estratégia de bem-estar produzido pela leitura de obras literárias. No entanto, não havia uma produção de textos que contemplasse a classe menos intelectualizada e isto representou um novo problema, necessitando que surgisse uma nova classe social, a dos artistas literários, escritores que escreviam obras que tratavam de temas triviais e mesmo o filósofo N. Maquiavel (1469-1527) produziu obras em formato de contos e teatro, para além de seus tratados filosóficos.

A função pragmática da literatura sofreu mudanças por meio de discursos que visavam a ajustá-la a um modelo de pensamento; no entanto, sua utilidade para a vida do ser humano foi mais bem explicada a partir da Escola Psicanalítica, em que se começa a conhecer, com mais profundidade, a experiência humana sobre o ato de ser e de existir no mundo e como o homem se comporta frente à sua economia psíquica. Ressalva-se aqui, o esclarecimento de que a função de equilíbrio espiritual, conferido pela literatura ao ser humano não começa a acontecer como fato, após ter-se uma explicação para os fenômenos endocrinológicos, porque ao longo da história

Sólon (638-558a.n.e.) se refestelava de alegria e prazer, quando seu neto lia para ele, os poemas de Safo de Lesbos (Σαπφώ - entre 630 e 604a.n.e. e ?).

A sua relevância está no fato de que a literatura trabalha sobre o terreno da subjetividade, imbricada na ação de levar o personagem a desafiar o que atravessa a razão pura e a razão prática, sendo entendida toda sua insanidade e ações desmedidas, como representações de coragem e exemplo para os seus companheiros. O herói da trama desafia os deuses e os perigos, sem importar que isto custe a sua própria existência e ainda que busque suporte em algum deus ou força externa, isto se trata de um mero eufemismo, porque se crê superior a toda e qualquer vontade que seja diferente da sua própria e que lhe conduz à realização do seu intento.

Esta superação espiritual é o que faz com que os indivíduos se debrucem na leitura e na tentativa de compreensão do porquê de toda a paixão que faz surgir os relatos fictícios. A condição de fantasia perante a vida é uma necessidade humana, porque nenhum espírito, por mais forte que possa demonstrar ser, não é capaz de suportar o peso da realidade nua e crua sobre si, sem perder-se em meio a devaneios, prejudicando sua condição existencial social, que seria o estado de loucura iminente. Assim que, a literatura serve como um suporte para a manutenção da saúde psicológica individual e social.

A literatura que foi produzida por autores da Baixa Idade Média procuravam exaltar todo um estilo de vida em contato com a natureza ou compilações de contos fantásticos, como o fez Horácio, com suas *Bucólicas* e Ovídio, com sua obra *Metamorfoses*, em que recolheu mitos fantásticos onde em meio a eles algum tipo de transmutação ocorria e o alongou em indefinida condição de tragédia, vingança, zombaria, tendo *leitmotiv*, o impiedoso destino a marcar com sangue e fogo todo o seu caráter. Virgílio deixa outro épico inconcluso, mas que não deixou de impor sua marca indelével na literatura ocidental, dando uma marca de origem grega à formação do povo latino, inclusive com heranças de nomes importantes na oligarquia romana.

Já a literatura da Alta Idade Média se mostra satírica contra os nobres e os poderosos da época, aparecendo figuras como Voltaire (1694-1778) e D. Diderot (1713-1784) e mesmo J-J. Rousseau (1712-1778), em seu *Emílio* (1762), não deixa de fazer pesadas críticas à sociedade organizada. Mais tarde, surge a literatura

burguesa, que exploraria a figura humana em suas maiores cretinices, assumindo um autêntico caráter existencialista, expresso em seus textos.

Eis outro sentido conferido à literatura que permite conhecer alguns traços herdados de povos já extintos e costumes que são oriundos de civilizações que há muito se desconhece por causa da distância temporal, explicitando que a globalização, como meio de troca de saberes é um hábito já muito antigo entre os humanos e mesmo as dominações não foram capazes de destruir os traços filogenéticos de cada povo, nem do dominador e nem do dominado, destruindo sua característica cultural mais marcante.

Em termos menos acadêmicos, para que literatura? Esta é uma resposta que, ao expressar a pergunta já se traduz a revelação da vida, porque esta, desde tempos imemoriais que tem se tornado pesada ao homem, que vive assombrado pela finitude de sua existência, pela sua incapacidade de superar a natureza e por sua impotência ante o universo. Assim, cria figuras mágicas que são capazes de superar todos os tipos de limitações, voando para além daquilo que a existência lho permite fazer, em condições normais. Neste sentido, B. Bettelheim (2007) vai dizer que a vida sem este douramento conferido pela arte literária seria insuportável; assim que, a literatura assume este papel de trazer leveza ao ato humano de existir.

A licença poética que é conferida pela ação de escrever e descrever um mundo imaginário permite ao escritor que não siga regras canônicas da língua e da lógica. Assim, o literato não tem que seguir quaisquer regras canônicas [*a não ser que assim o deseje*] ou de ética para expor seus personagens aos mais dramáticos eventos e extrair-lhes os mais tenebrosos sentimentos que não exporiam em qualquer situação habitual. Esta liberdade para expor os pensamentos funciona como um elixir no qual todo o empenho do autor mostra o que pode ser realizado, abrindo caminhos para que outras ciências atentem para o que existe para além do que cada indivíduo mostra ou esconde por detrás de sua máscara social. Cada tempo vai ter sua medida de liberdade e nenhum autor será ousado o suficiente a ponto de romper com esta possibilidade de escrever o que seja muito além de seu domínio intelectual e de vivência epistemológica e gnosiológica. Sendo assim, a literatura abre um precedente para que aquilo que é pensado e desejado pela geração futura seja já expresso em tempo anterior, porque, enquanto a consciência permanece limitada ao espaço

temporal, o inconsciente tem toda a liberdade de sonhar o futuro e desta forma apresentá-lo, ainda que não seja possível aplicá-lo à realidade objetiva.

Este termina sendo a principal virtude conferida à literatura, quando se interroga qual seu sentido de ser para o ser humano. Bellemin-Noël apresenta uma ideia de que a literatura possui uma liberdade natural, que a torna algo diferente e mais profunda que todo o pensamento abstrato que existe já pensado sobre a natureza e, possivelmente seja neste ponto de intersecção entre ela a Psicanálise, como uma técnica que está condicionada a parâmetros científicos, que a primeira tenha chegado a atuar como um farol que ilumina caminhos outrora obscuros para a segunda. Na concepção deste autor, “a literatura também é algo diferente do corpo mais ou menos embalsamado de ideias já feitas, e que se fizeram fora do contexto imediato, onde cada um se debate: não somente o conjunto dos discursos consignados antes de nós e longe de nós, mas também um discurso particular. Durante muito tempo, ela foi chamada e considerada *útil e agradável*; a utilidade provinha do prazer oferecido; a satisfação devia-se à sua inutilidade para a vida. Discurso literário significa discurso desequilibrado sobre a realidade. Nisto está o seu encanto, o seu drama e sua sorte maravilhosa” (BELLEMIN-NOËL, 1978, p. 12).

Inferindo neste pensamento, o que poderia conduzir o homem ao seu descanso e a uma construção de uma economia psíquica, justamente equilibrada, não fosse a possibilidade de ver expresso na arte aquilo que apenas mantém limitado ao seu mundo concreto. Não se pode iludir, porque da mesma forma que alguém se compraz com a vitória da justiça sobre o mal, haverá aqueles que se comprazem ao ler um drama em que o vilão comete as maiores atrocidades e consegue safar-se sem ser pego e mesmo irá decepcionar-se quando, ao final, por um deslize pueril, este anti-herói venha a ser capturado ou punido pelo destino com a morte.

A arte literária tende a imitar a realidade, ao máximo que pode em seus contextos existenciais e assim como ocorre na vida real, no mundo da ficção, os leitores ficam indignados com a forma como tudo acontece, desejando que fosse de modo diverso do que veem ou leem. Esta é uma dinâmica que somente a literatura consegue aproximar e mesmo imbricar os mundos que cercam os humanos e que os atravessa, de maneira que não se sabe a resposta até que se permita uma visão, por meio de suas ações.

Um exemplo disto é o romance *Hannibal*, de Thomas Harris, em que a despeito de ser o Dr. Hannibal Lecter, um assassino inveterado, até mesmo os policiais designados para caçá-lo e capturá-lo são seduzidos por seu carisma e encontram justificativas plausíveis para seus mais variados crimes de assassinato. O autor apenas transferiu seu fascínio por personagens psicopatológicos reais para os seus personagens fictícios na literatura e conseguiu encantar ao público de tal forma que se tornou um sucesso sem medidas.

Na literatura, tudo é possível àquele que deseja. Haverá muitos empecilhos que farão com que se sinta desencorajado a lutar, mas ao mesmo tempo, em sua última instância de vontade deliberada ou por meio de motivação externa, o milagre acontece, tornando possível alcançar o que se propunha como uma ânsia que o acomete desde tempos em que não se lembra. Não é uma conquista, é uma aquisição que somente na imaginação está posta como possível ao ser, mas que ausente da realidade, exaure o brilho da vida e da existência. Da mesma forma como o literato descreve o amor e suas vicissitudes. A este respeito, Freud (1910), escreve que aos homens normais e aos cientistas é impossível antever e promover um enlace fantástico, não marcado pela violência que a vida [*sempre*] prepara para seus [*queridos*] filhos. Assim refere-se o Mestre de Viena:

Deixamos ao escritor de ficção descrever-nos as condições necessárias ao amor que determinam a escolha de um objeto feita pelas pessoas e a maneira pela qual elas conduzem as exigências de sua imaginação em harmonia com a realidade. O escritor pode, realmente, valer-se de certas qualidades que o habilitam a realizar essa tarefa: sobretudo, de sensibilidade que lhe permite perceber os impulsos ocultos nas mentes de outras pessoas e de coragem para deixar que a sua própria, inconsciente, se manifeste (FREUD, [1910] 2006, p. 99).

Freud coloca aqui o que pensa qualquer indivíduo normal, mas que não ousaria dar ao literato o mérito de expressar a maior angústia, o maior desejo e a maior felicidade que acomete a existência humana, situações a que ele debruçou-se a esmiuçar e mesmo com toda sua elucidação que trouxe à luz, utilizando sua técnica, não fez com que a literatura perdesse o seu poder de encantamento sobre os mortais. Poder-se-ia dizer que até ampliou esta conjuntura, conferindo mais brilho e certa sedução ao leitor, em que se crê na possibilidade de ele mesmo entender o pensamento dos personagens, do escritor e a si mesmo, o que se trata de uma ilusão desvairada que, no entanto, não importa, a fuga do peso da sua realidade é o que importa.

Esta leitura das possibilidades da literatura ajuda a compreender o porquê Hesíodo (=~ entre 750 e 650a.n.e.) escrever os seus poemas sobre a origem do ser humano, exaltando os deuses que, mesmo eles foram os responsáveis por permitir a decadência humana ao ponto de, na tentativa de Zeus vingar-se de uma zombaria contra si, criar um mecanismo de destruição que condenou a toda a humanidade a um estado de caos sem precedentes, este que jamais se corrigiu.

Ele não era nada mais que um agricultor e seus escritos atravessaram épocas e chega aos tempos contemporâneos com uma força incrível ao lado do imortal Homero, que era aedo, por profissão. Possivelmente, Hesíodo assumisse esta função, ao fim do dia, ou nos momentos sacros, fato pouco provável, porque apresenta um Zeus iracundo e vingativo e sem misericórdia, ao mesmo tempo em que mostra a dualidade e a frivolidade humana, já distinguindo o *logos* e a estultícia, como elementos presentes no mesmo serem. Seus dois personagens heróicos, Prometeu (o precavido, aquele que pensa antes de agir, o racional) e Epimeteu (o impulsivo, aquele que pensa depois de agir, não medindo, previamente as consequências de seus atos), dá mais um caráter psicológico e filosófico ao seu trabalho que literário.

No entanto, eis-nos frente à outra função da Literatura, um modo de expressar a razão mais lógica de análise do ser que pensa que existe que age com moderação ou imoderação, através de um texto que se pode ser lido de diversas formas. Neste sentido, tem-se Gilberto Freyre (1900-1987) analisando a obra de Lion Tostói (1828-1910) *Guerra e Paz* (publicado entre 1865 e 1869) argumenta que a mesma pode ser lida como romance ou como um tratado antropológico, em que se narra a história de um povo e de seus costumes, as modificações sofridas devido a um evento não natural, que foi a ocupação napoleônica, valendo-se de memórias e relatos orais para contar a história do povo russo.

Na mesma linha literária, tem-se o romance *...e o vento levou* (1939), de Margaret Mitchell (1900-1949), em que escreve uma história de amor em meio à guerra civil norte-americana<sup>11</sup>. Muito do que se encontra ali relatado são fatos ou

---

<sup>11</sup> A *Guerra Civil Americana*, também conhecida como *Guerra de Secessão*, foi uma guerra civil travada entre 1861 e 1865 nos Estados Unidos, depois de vários estados escravagistas do sul declararem sua secessão e formarem os Estados Confederados da América, conhecidos como *Confederação* ou *Sul*. Os estados que não se rebelaram ficaram conhecidos como *União* ou simplesmente *Norte*. O conflito teve sua origem na controversa questão da escravidão, especialmente nos territórios ocidentais. Após quatro anos de sangrentos combates que deixaram mais de 600 mil americanos mortos e destruíram grande parte da infraestrutura do sul do país, a Confederação

histórias baseadas em fatos, o que reforça esta característica singular e múltipla da Literatura: permite ampliar o imaginário e retratar o real, em sua crueza e rudeza, sem o menor problema. Os personagens se fazem e se movem com muita liberalidade sentimental e existencial.

Isto é possível porque, segundo Lopes (1974, p. 34), “o personagem literário é uma pessoa humana num espaço de tempos fictícios, mas capaz de ter uma estrutura e uma dinâmica próprias, análogas às da pessoa humana, no seu mundo e na temporalidade.”

Esta analogia a que faz referência o autor é também a condição de limitação colocada pela cultura e pelos instrumentos de trabalho e desenvolvimento que persistem em existir, apesar da insistência em querer admitir que tudo é passível de ser superado pela imaginação do autor, o que não é verdade. No romance *A Herdeira* (1977), do escritor Sidney Sheldon (1917-2007), um cientista está a trabalhar em um produto cosmético que promete revolucionar toda a indústria farmacêutica, que se tratava do creme capaz de rejuvenescer a pele do usuário. A certa altura da trama, um determinado laboratório do complexo de pesquisa é atacado e destruído e o cientista, morto. O escritor precisava fazer tal coisa, não só para manter a trama viva, como não existe nenhum produto químico, na realidade que detenha tamanho poder miraculoso. Não se trata de a vida imitar a arte e a arte imitar a vida, como se isto fosse fato; a arte está limitada àquilo que a vida oferece como condições reais de ser e de existir.

Apesar de toda esta limitação, que não deixa de ser uma frustração ao ser humano, a literatura ainda vai muito além, possibilitando ao indivíduo que, por ocasião da leitura esta venha a revelar-lhe “uma verdade do discurso literário, a dotar este setor da estética de uma dimensão nova, a fazer ouvir uma fala diferente de maneira que a literatura não nos fale somente dos outros, mas do outro em nós” (BELLEMIN-NOËL, 1978, p. 20).

É aqui, neste exato ponto de intersecção com a existência que a literatura se explica como elemento possível, aproximando o ser humano do que Platão classificou como o ato de filosofar, que é o maravilhamento com a vida, com as descobertas que toma, por meio da leitura de textos que, para a maioria das pessoas, não representam

---

entrou em colapso, a escravidão foi abolida, um complexo processo de reconstrução começou, a unidade nacional foi restaurada e a garantia de direitos civis aos escravos libertos teve início.

nada mais que ideias de um maluco, um lunático, que jamais podem ser corroboradas pelo princípio da verificabilidade ou ainda mais pelo princípio da refutabilidade.

Assim que, a literatura aprendeu, a expressar o ser humano como um cosmo, que representa para si e para os outros que envolvem a existência, coisa que as artes plásticas já conseguiam com muita propriedade, no entanto, a linguagem que esta utiliza para expressar-se é confusa e depende de muito preparo para se chegar ao ponto ideal de poder equilibrar as nuances que se encontram dispostas à interpretação minuciosa e à vista de todos e de ninguém.

Com a arte literária, tem-se um alcance mais próximo do literal, porque a linguagem tornou os seres humanos em seres da oralidade; suas outras capacidades linguísticas e de comunicação ficaram à margem da existência, sendo necessário um esforço sobre-humano para que venham e/ou possam desenvolver-se à contento.

Isto faz com que a Literatura tente expressar-se usando uma linguagem que seja universal e ao alcance de todos, o que não é uma verdade, porque faz-se necessário que o leitor saiba ler ou no máximo tenha alguém que o faça por si. A diferença presente é a dimensão do espaço que cabe para tentar expressar-se não conseguindo chegar a lugar algum, por um motivo que se mostra oculto ao próprio personagem e a conclusão do relato, a superação do problema transforma-se em estado de ansiedade [*enquanto se busca*] e em estado de felicidade, quando atingido.

Isto faz com que todo um vislumbre se mostre como algo que vai além de, simplesmente, existir, é estar imbuído do que viver buscar algo com que fantasiar a vida, imaginar que solução proporcionaria caso estivesse no lugar do herói ou do bandido, não importando a paixão que cada parte desperte, porque não interfere no caráter do leitor, apenas leva o expectador a estar imerso e imbuído em mais expectativas para a vida que não foi vivida e que pode ser sonhada e fantasiada.

Tudo isto se torna possível, porque a construção intelectual do escritor só ultrapassa a do indivíduo comum em termos de vivências porque ele não vive em sociedade, está sempre afastado do grupo, como alguém que sofre de uma terrível timidez e isto o obriga a manter-se sempre à margem dos convívios sociais, imerso na análise de seus personagens que são uma reprodução dos seres que compõem a sociedade na qual está inserido.

Com isto, tem-se que “a literatura é um jogo elaborado: a seriedade que preside à sua criação exige mais labor, suas construções são mais complexas. Pois,

trata-se (inconscientemente, claro) de apagar os traços do processo primário, afogando-o no meio dos processos secundários que se encontram mais ou menos subvertidos. O escritor produz, em geral, numa língua conforme aos usos da gramática, um discurso de quase racionalidade e de quase mimetismo em face das condições da realidade; se ele se permite *licenças* de expressão, se tem direito a uma visão *fantasista* das coisas, etc., sabemos bem que são exigências da *arte*. Sem o engajamento de todo o homem, sem a aplicação de sua inteligência, de sua cultura, mas também sem os *grãos de loucura* que, aos olhos do público, fazem do artista uma espécie de *criança grande* ou de perverso inofensivo, não há mais encanto possível” (BELLEMIN-NOËL, 1978, p. 33).

O autor apresenta uma nova perspectiva da literatura, que é a de libertar o demônio que habita dentro de cada ser humano, disposto a sair e a bailar sem ser importunado ou mesmo ser sancionado pelas leis que fazem da vida civilizada um local de conflitos entre o princípio da realidade e o princípio do prazer e se não se pode viver sob o segundo na vida ordinária, há que haver um outro espaço onde se pode estar livre o suficiente para tal. Problema que afeta a existência contemporânea que é a de que nem em seu próprio mundo o homem moderno encontra-se livre, necessitando de construir paraísos artificiais, dado que tem se tornado muito fácil nesta era social.

Daí que a função da literatura torna-se a de despertar o patético no leitor, levá-lo a horrorizar-se com as situações e assim, tomar partido na interpretação das atitudes do personagem, conhecendo-o por meio de suas nuances e adventos. O poeta e o literato não estão guardados pela ética, porque expõem sem maiores preocupações todos os segredos dos seus personagens, como se estes fossem meros bonecos que podem ser manipulados a seu bel prazer.

Compreendendo a literatura como uma produção de relações que usa de formas materiais e imateriais, objetos, ideias, sons e signos. Esse é um forte ponto que nos diferencia das tantas espécies de seres vivos. Os humanos produzem rituais, enterram seus mortos, estende os seus corpos formando talheres, criam máquinas e formam um complexo jogo social e relações de poder, expurgam suas angustias, narram o seu cotidiano. Registram suas histórias e deixam documentados a sua estadia no planeta. Assim é que se chega ao entendimento de que a literatura pode ser interpretada como um poderoso e relevante acréscimo à vida.

Freud (1910) voltaria a afirmar que,

Os escritos [*literários*] estão submetidos à necessidade de criar prazer intelectual e estético, bem como certos efeitos emocionais. Por essa razão, eles não podem reproduzir a essência da realidade tal como é, se não que devem isolar partes da mesma, suprimir associações perturbadoras, reduzir o todo e completar o que falta. Esses são os privilégios do que se convencionou chamar *licença poética* (FREUD, [1910] 2006, p. 99). [Os grifos estão no original].

O grande Mestre de Viena fala sobre os poetas e literatos com uma certa ponta de inveja em sua expressão, porque podem ir mais além sem terem que provar qualquer coisa do que expressam, mesmo quando expõem sentimentos que são comuns entre os personagens da vida real. Da mesma forma, na literatura foram relatados muitos sintomas de doenças que somente mais tarde as Ciências Médicas vieram a confirmar como tal, em muitos casos, até mesmo consultando os livros de romance, a fim de confirmar se os sintomas descritos conferiam com a doença estudada e assim, traçar uma linha do tempo de registro histórico do fenômeno.

A gama de utilidades da Literatura se perde em meio aos extensos benefícios que propiciam aos campos da estética, do prazer e do conhecimento erudito, especialmente sobre a estrutura e a economia psíquica humana. Nada pode penetrar mais profundamente nos aspectos da existência do que os textos literários que exploraram o homem e seu mundo sem nenhuma piedade, com isto, permitindo que diversas coisas e situações fossem elaboradas para além da existência ordinária, criando aquilo que se pode chamar de existência possível.

No meio em que se vive, onde tudo se tornou passível de ser ensinado, ao aspecto pedagógico da Literatura se anexa o aspecto didático e, há que fazer-se transparente, não que ela tenha desejado, mas porque alguém entendeu que existe uma técnica para se ensinar algo completamente intangível e fora do alcance do mensurável.

Neste aspecto, Nunes (2018) argumenta que

A forma de se dirigir ao leitor pode ocorrer de várias maneiras. Há dois aspectos importantes a considerar: um didático e outro pedagógico. O didático vincula-se ao esforço que o autor do texto faz para torná-lo compreensível. Trabalha-se de tal maneira que todos os meios que favoreçam entendimento do leitor e a legibilidade do texto devem ser usados. Neste sentido, também se leva em conta possíveis objeções que poderia ocorrer por parte do leitor. Articulada à primeira, temos a função pedagógica, que visa uma identificação do leitor com as convicções que o autor expõe. O que se pretende é uma conversão do leitor, uma mudança em suas representações, com um discurso que para ele possa torna-se significativo.

Essas considerações não apenas devemos levar em conta no nosso processo de leitura, mas também em nossa atividade (NUNES, 2018, p. 18).

A fim de responder ao questionamento epigráfico que abre este capítulo, tem-se que ela representa o mais autêntico paradoxo humano e não apenas a sua expressão. Isto porque ela é o *métron* humano, a *cama de Procusto*<sup>12</sup>, convertida em um sentido que, ao mesmo tempo em que mostra ao homem o seu lugar limitado ante à natureza e aos deuses, permite-lhe que ultrapasse esta justa medida e se entenda como um ser que está para a condição de criador e no máximo co-criador e não mais como criatura limitada que é e que deveria entender-se como tal no cosmo. A literatura é aquele elemento que consegue proporcionar o justo equilíbrio entre a razão e a sensibilidade.

#### 4.1 LITERATURA NO MUNDO E LITERATURA NO BRASIL

A literatura sempre teve um papel muito definido ao longo da história humana, desde quando ainda se tinha como tradição a transmissão oral dos conhecimentos e dos feitos heróicos até chegar ao instante em que se desenvolve a imprensa e os livros, tornam-se, relativamente, acessíveis economicamente a uma parcela maior da sociedade. Se há aqueles que creem ser sua missão a desenvolver o entretenimento, esta é uma ideia, quase equivocada, pelo fato de não limitar-se a isto, estando muito mais vinculada à necessidade que se mostrava em dado momento histórico.

A literatura, segundo A. Cândido,

Tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (p. 113).

---

<sup>12</sup> Procusto (ou Procusta), que significa *o estirador*, foi o apelido conferido a Damastes, um ladrão personagem da mitologia grega que vivia perto da estrada de Eleusis. Costumava atrair viajantes solitários para a sua pousada, oferecendo-lhes abrigo para poderem passar a noite com conforto. Em sua casa, possuía dois leitos de ferro, um menor que o outro, que ele escolhia dependendo da altura do visitante. Depois que a sua vítima potencial adormecia, Procusto a dominava e tratava de adequar o corpo desta às medidas exatas do leito: se ele era alto e os pés sobressaíam da borda, ele os amputava com um machado; se era baixo e tinha espaço de folga, ele esticava os membros com cordas e roldanas. Originalmente chamado de Damastes ou Polípemon, ele adquiriu o nome de Procusto (O Estirador), pelo estranho castigo que dava às suas vítimas. Deitar na *cama de Procusto* significa buscar adequar-se à sua justa medida, ao seu *métron*.

Esta tem se apresentado como uma missão universal e quase uma forma de sobrevivência, porque tem de conviver com a existência paralela de outras formas de artes que se mostram mais atrativas, como o cinema, por exemplo. Isto não quer dizer que a Literatura esteja em perigo de morte, apenas que terminou por aderir a um discurso que, historicamente, não representa o escopo da mesma.

Desde a aparição dos primeiros livros que a intenção dos autores era a de apresentar um mundo idealizado, tendo como fundamento de sua produção, o espaço em que vivia e as inconstâncias que desafiavam a imaginação. Mas, de uma forma interessante, ela encontrou e também, criou mecanismos de propagação dos ideais políticos, de denúncias das arbitrariedades das autoridades políticas, eclesiásticas e de grupos marginais que se diziam defensores das liberdades individuais. Isto pode ser encontrado nas obras clássicas de Victor Hugo (1802-1885), León Tostói (1828-1910), Fiodór Dostoiévsky (1821-1881), e diversos outros autores clássicos da literatura universal que escreveram grandes obras de ficção que mascaravam uma realidade brutal, a qual não se mostrava à vista de todos, como o foi a obra de A. Huxley (1894-1963), *Admirável mundo novo* (1932) e *1984* (1949) e *A revolução dos Bichos* (1945), ambas do escritor George Orwell (1903-1950).

Aqui no Brasil, a literatura não foi menos forte em tratar os problemas domésticos como menos importantes e talvez por este motivo, não tenha alcançado o brilho que teve outros autores de renome internacional, como os já citados acima. Mas, uma coisa é fato, a dimensão dos escritores que produziram obras clássicas no País mostra um retrato nítido de um momento histórico que foi e continua sendo negligenciado pela história oficial, cabendo, na atualidade a oportunidade de que se possa resgatar o viés pedagógico e didático que cabe a esta expressão artística.

José Veríssimo escreveu, em 1912, que,

A Literatura que se escreve no Brasil é já a expressão de um pensamento e sentimento que se não confundem mais com o português, e em forma que, apesar da comunidade da língua, não é mais inteiramente portuguesa. É isto absolutamente certo desde o Romantismo, que foi a nossa emancipação literária, seguindo-se naturalmente à nossa independência política. Mas o sentimento que o promoveu e principalmente o distinguiu, o espírito nativista primeiro e o nacionalista depois, esse se veio formando desde as nossas primeiras manifestações literárias, sem que a vassalagem ao pensamento e ao espírito português lograsse jamais abafá-lo. É exatamente essa persistência no tempo e no espaço de tal sentimento, manifestado literariamente, que dá à nossa literatura a unidade e lhe justifica a autonomia (VERÍSSIMO, 1912, p. 04).

Esta é a principal característica que se pode pensar sobre a literatura no mundo e no Brasil, atualmente, marcada por uma expressiva ausência de escritores que traduzam os anseios do momento político para uma obra que possa expressar, de maneira condensada, o que sente o povo e não consegue expor, seja pela pressão do cotidiano, seja pela formação deficiente que se deu a partir da abertura de escolas de todos os pensamentos, permitindo nascer o ecletismo, como um meio de adaptar-se a todos os gostos e tipos.

O quadro que se mostra é de uma literatura que não consegue produzir obras clássicas que possam ser introduzidas nos currículos e que mereça ser citada nos grandes discursos dos mestres da política, ou seja, esta é uma arte que entrou em um estado de letargia tal que, a superação do problema passa pela reconstrução dos anseios sociais pelo bem estar do espírito como uma manifestação da luta pela conquista de um espaço metodológico de enfrentamento da realidade.

Quando se fala em literatura clássica universal, fala-se desde Homero até Virgínia Wolf e as coletâneas de contos orientais árabes, mas, nada que faça ser merecedor de crédito nas últimas quatro décadas e na literatura brasileira, tem-se os grandes autores até o início do Século XX até Jorge Amado e nada mais, sendo sarcástica a situação de que, por vezes, se confundem vendedores de livros com qualidade de representação estética e literária.

Os grandes clássicos da Literatura universal e brasileira são marcados pela construção de um cenário romântico sobre uma matriz histórica, técnica que, em todas as vezes que o Cinema buscou adaptar, o resultado foi o sucesso de crítica e de bilheteria, que se pode considerar a crítica mais pesada e que realmente interessa aos produtores/roteiristas, porque se trata da aceitação do público. Não é somente citar aqui, o caso da obra de Margaret Mitchell (1900-1949), *...e o vento levou* (1936) que quando de seu lançamento, em plena recessão econômica norte-americana vendeu, somente na primeira semana, meio milhão de cópias, feito jamais superado pela literatura romântica, em qualquer outra época da história.

Aqui no Brasil, cita-se Castro Alves (1847-1871), Aluísio de Azevedo (1857-1913), como autores que souberam explorar os campos histórico-sociais e sobre estas bases epistemológicas construir grandes clássicos. Júlio Ribeiro (1845-1890), que explorou a questão dos instintos e do desejo humano inerente à sua existência.

O que ocorre é que a literatura brasileira e a literatura universal atravessam um instante de crise intelectual, em que se crê que meia dúzia de um texto sobre adolescentes bruxos e vampiros ou lobisomens platinados representam os problemas existenciais de um mundo que se transforma a uma velocidade alucinante, girando a tal pressão que volta e meia, alguns são jogados para fora da nave dos insensatos e os que persistem apenas lutam para não serem os próximos. Trata-se da era da *literatura trash*<sup>13</sup>, em que nada de interessante é criado e aquilo que, por curtos instantes, pode encantar é descartável.

#### 4.2 HQ: UMA NOVA MODALIDADE DE LITERATURA?!

Não se pode exagerar na crença de que as *histórias em quadrinhos* representem ainda uma modalidade de literatura, porque isto seria incorrer em um erro de considerar qualquer manifestação como sendo expressão literária digna de fazer parte do universo vernáculo erudito. Não se pode deixar levar pela ingenuidade de que depois de 08 (oito) décadas, esta modalidade de expressão cultural não tenha se mostrado digna de receber um espaço mais amplo nos meios acadêmicos formais, participando de estudos e de processos formais de entendimentos sobre qual é seu público, como ele se comporta, como se apresenta e se o que Reblin (2019) diz sobre os quadrinhos se mostra factível por si só ou se realmente há uma tendência universal a aderir aos mesmos como uma nova modalidade literária.

Segundo Reblin (2019), os adultos que hoje gostam de literatura e de histórias em quadrinhos representam as crianças de décadas passadas, no entanto, este é um pensamento inocente e míope do autor, porque já se vão muitas décadas de produção desta forma de arte literária e tal pensamento coloca-a como uma realidade de fins do Século XX e início do Século XXI, o que já se prova refutável, de imediato.

---

<sup>13</sup> A cultura popular que nos cerca em nossa vida cotidiana tem uma semelhança impressionante com algumas das grandes obras da literatura do passado. Na televisão, filmes, revistas e anúncios, estamos expostos a muitas das mesmas histórias que aqueles críticos que estudam os grandes livros da literatura ocidental, mas fomos simplesmente encorajados a olhar para essas histórias de maneira diferente. A grande literatura e o trabalho cultural do passado foram reescritos para a sociedade de consumo de hoje, com tablôides de supermercados como o *National Enquirer* e revistas de fofocas de celebridades como *People*, servindo como versões contemporâneas das grandes tragédias dramáticas do passado. A publicidade de hoje repete o conto da Idade de Ouro, mas inverte o sistema de valores de uma utopia clássica. ARTMELL, Deborah (1997). *Estética do lixo: cultura popular e seu público: a cura de Deborah Cartmell*. Plutão Pr (10 de março de 1997). Pluto Pr.

O que faz a literatura de quadrinhos, na atualidade e desde a década de 1980, ganhar tamanha atenção de todos é o surgimento didático da interdisciplinaridade como um instrumental de trabalho pedagógico, que possibilitou e mesmo, para além de influenciar, obrigou a semiótica a unir-se à literatura, transformando a arte de quadrinização em uma ciência, dotando-a de técnicas muito mais sofisticadas, capazes de produzir e reproduzir o real. Agrega-se a isto, a Linguística, a Epistemologia, a Eurística, a Psicologia e a Psiquiatria e com muito mais força a Psicanálise, ou seja, a literatura dos quadrinhos conseguiu absorver tudo o que de muito melhor e superior a Literatura universal e os grandes escritores clássicos expressaram em seus versos e prosa.

Isto seria como apresentar, aqui a hipótese de que as histórias em quadrinhos ocupam um espaço deixado pela vacância dos clássicos que assolou, de forma amaldiçoada, o mundo a partir da década de 1980. Isto, sob nenhuma hipótese a consagra como uma modalidade literária que mereça estar entre os princípios básicos de ensino e aprendizagem, no entanto, não se pode desconsiderar sua força e a exigência que apresenta por uma classificação formal.

Uma primeira resistência ao uso de textos literários na escola está na manutenção do cânone. Para muitos professores do ensino básico, os textos canônicos são pouco atraentes, seja pelo hermetismo do vocabulário e da sintaxe, seja pela temática antiga que pouco interessaria aos alunos de hoje. Para além do cânone, a centralidade mesma do texto literário na escola é questionada. Em um mundo onde a imagem e a voz se fazem presentes com muito mais intensidade do que a escrita, não há porque insistir na leitura de textos literários se há filmes, canções, programas televisivos e outros produtos culturais que dispensam a mediação da escrita ou a empregam secundariamente. Por isso, argumentam os educadores, se o desejo é ensinar a cultura, a escola precisaria se atualizar, abrindo-se às práticas culturais contemporâneas que são muito mais dinâmicas e raramente incluem a leitura literária (COSSON, 2002, p. 116).

O que a autora expressa é a necessidade de a escola, junto com sua estrutura curricular, buscar adaptar-se às transformações que as novas propostas didáticas possibilitam, por meio da dialética, onde se tem a oportunidade de dialogar com outras vertentes de pensamentos e epistemologias. Estas construções abrem espaços para novas interrogações que, invariavelmente, conduzem a estudos sistemáticos, visando a responder aos anseios dos estudiosos, ao mesmo em que criam princípios, normas, categorias e leis que possibilitem a inserção e a classificação desta modalidade como sendo estritamente literária.

Alguns pesquisadores consideram os quadrinhos uma forma de literatura. No entanto, Ramos (2010, p. 17) discorda ao dizer que chamar quadrinhos de literatura nada mais é do que “uma forma de procurar rótulos socialmente aceitos ou academicamente prestigiados”, já que estes eram vistos historicamente de maneira pejorativa. Segundo o autor, “quadrinhos são quadrinhos”, pois estes possuem linguagem autônoma, que usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos (XAVIER, 2018, p. 08).

O que pode constatar desta epígrafe é que o autor citado faz uma alusão a que se, tomar os *quadrinhos* como uma modalidade literária, estar-se-ia colocando-os em um rol de classificação e isto é algo que poderia provocar o surgimento de interpretações e certo limite à produção dos roteiristas, como se fosse algo canônico, o que representaria uma perda para a produção como tal, porque como cita Rubem Alves (2002), em terra de *urubu diplomado, sabiá não canta*, com isto, entendendo que quem não seguisse os padrões estéticos, literários e canônicos determinados pelos críticos acadêmicos estaria fora do meio de produção.

Quanto à epígrafe que abre este tópico, ela, por si só, traz um entendimento e uma ambiguidade, até mesmo pela dimensão da discussão que se desdobra sobre o tema proposto. Não se pode considerá-la como uma modalidade de literatura se se toma como ponto de análise, as obras clássicas e nem se pode ignorar sua condição de modalidade literária, se ela atende aos mesmos princípios que toda a literatura oficial, canônica.

## 5 LITERATURA EM QUADRINHOS: UMA EXPERIÊNCIA PRÁTICA EM MONTANHA - ES

Ensinar a estudantes uma modalidade clássica, tradicional, como é a literatura vernácula, a partir de uma nova modalidade de ensino-aprendizagem, em que se tem a necessidade de mesclar elementos tangíveis e intangíveis mostra-se um desafio que não pode ser superado sem uma elevada gama de conhecimento oriunda de outros campos do saber acadêmico, a fim de conferir o devido suporte acadêmico à respectiva ação didática, entendendo que não basta realizar a proposta pedagógica sistemática que se encontra elencada no currículo, há que ter-se uma visão mais ampla do processo, para que possa e ainda se tenha condições científicas para ser criado novas considerações epistêmicas sobre o assunto em questão, apresentado na epígrafe acima.

A fim de se atingir esta condição didático-epistêmica foi montado um plano de ação pedagógica sobre o ensino-aprendizagem de literatura de quadrinhos, utilizando as obras vernáculas clássicas e foi convidada a professora da disciplina de Artes, Jocélia Inêz Cansi Boldrini, porque assim, foi inserido no trabalho, um caráter dinamicamente interdisciplinar, trazendo como objeto de análise estrutural a semiótica. A ideia é aproximar os estudantes da compreensão de que para se formar saberes e conhecimentos teóricos, possibilitando a ampliação da capacidade cognitiva, há que referendar-se a campos do saber em que estes proporcionem a potencialidade necessária para se chegar aos resultados mais proeminentes acerca do objeto estudado.

Para H. Japiassú (1992), a metodologia interdisciplinar consiste fundamentalmente numa resposta a como certo projeto pode tornar-se possível, com os recursos de que se dispõe para sua realização.

Percebe-se que o autor fala em uma proposta metodológica que possa unir duas ou mais ciências e já se expressa, por ocasião deste trabalho que, toda ciência é, por natureza, interdisciplinar, logo, quando se mescla ciências afins na busca por respostas mais objetivas, é porque a capacidade destas pode ser ampliada, oferecendo aos estudantes maiores respostas em termos de conquistas epistemológicas e aos professores, maiores condições de compreensão acerca do comportamento do objeto e de estruturação didático-metodológica.

A intenção com toda a elaboração metodológica é ampliar o universo e o impacto da leitura sobre os estudantes, instigando-os para a mesma, partindo do entendimento de que,

Através da leitura, o homem aumenta o seu universo de discurso, e, com isso, a possibilidade de multiplicar suas visões e aspirações sobre o mundo. A leitura poderá também conduzi-lo a uma disciplina pessoal que o levará a

desvendar os intrincados dilemas e as diferentes facetas dos problemas que o mundo oferece. Aplicará sua capacidade de raciocínio e aptidão perceptual, permitindo ao homem agir, conhecer e transformar o mundo (FAZENDA, 2003, p. 54).

Tudo o que a autora coloca como ponto de reflexão está em sintonia com o que se pretende com este projeto que é a formação do estudante-leitor em sintonia com uma compreensão profunda do que está proposto nas leituras que venha a realizar, como parte de sua formação intelecto-cognitiva acadêmica e de forma independente. Foi a partir desta hipótese de trabalho que se preconizou a escolha do autor brasileiro Machado de Assis (1839-1908), em que se debruçou sobre três de seus inúmeros clássicos, a saber: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899) e *Esaú e Jacó* (1904).

A escolha destas três obras se deu pela dimensão histórica, nível de conhecimento social e impacto das mesmas sobre a análise comportamental humana. São três clássicos muito conhecidos, exaustivamente discutidos e debatidos nos meios acadêmicos de estudos sistemáticos e círculos literários, o que não representou dificuldades na aceitação por parte dos estudantes.

O desenvolvimento da atividade prática de ensino-aprendizagem de literatura em quadrinhos teve como objetivo geral, proporcionar uma nova forma de ensino sistemático de literatura clássica brasileira, utilizando uma nova abordagem didático-metodológica. Trata-se de uma construção inovadora, onde professores e estudantes buscam aprender ao máximo, não apenas sobre o objeto em si, mas sobre como fazer com que todo o processo seja de tal modo elucidativo que os transforme, não perdendo de vista que,

A capacidade de conhecer uma *prática em suas limitações e possibilidades* supõe o conhecimento das *intenções* que determinam ou direcionam esse agir pessoal, particular, individual, e que somente assim teremos condições de adquirir *novas* formas de *perceber, conhecer e agir* em outras perspectivas (FAZENDA, 2003, p. 72). [Os grifos estão no original]

A autora expressa o pensamento de que uma ação didática é determinada por uma ação pedagógica, ou seja, há intenções, planos, planejamento, que resulta em ação, reflexão, abrindo espaço para novas ações, agora mais centradas nos resultados, uma vez que as hipóteses preliminares já foram respondidas.

A oportunidade posta de conhecimentos protagonizados pela oficina didática de ensino-aprendizagem de literatura em quadrinhos foi uma condição que elevou o patamar pedagógico de leitura, análise, compreensão e interesse dos participantes

em romper com os dogmas de que o ensino e a aprendizagem devem seguir padrões rígidos de modalidades já definidas, como se tais princípios se determinassem por leis ortodoxas.

Os relatos dos estudantes e da professora regente da disciplina de Arte que incrementam esta dissertação (*vide* próximo tópico), mostram a dimensão do que se pode alcançar, por meio da inovação didático-metodológica nos diferentes espaços e campos do saber acadêmico-educacional. Isto reforça, ainda, a certeza de que a Literatura é um campo que se move, inovando e aberto a inovações, capazes de transformar o estudante-leitor, por meio de sua ação, que se torna ativa e também ao professor, por meio de sua práxis pedagógica, entendendo esta como a relação de reciprocidade e simultaneidade entre a teoria e a prática.

Complementando esta explanação, Silva (2011), argumenta que,

O sucesso dos quadrinhos está na própria sedução que as imagens têm. Sua leitura muitas vezes pode ser feita inclusive por analfabetos ou até mesmo quando escritas em outro idioma, apenas interpretando a sequência de imagens. Assim, os quadrinhos se constituem uma ferramenta de incentivo à leitura, pois até mesmo pessoas não afeiçoadas à leitura de obras densas, são leitores de gibis, por sua ordem linear e sua linguagem clara e objetiva.

Este foi o objetivo diretivo com a oficina realizada, levar os estudantes a descobrirem novos métodos para que possam aprender a sentir gosto e prazer com a leitura dos clássicos literários sem que isto os fizesse reféns de uma técnica que, por vezes, mostra-se equidistante de suas potencialidades. Deixa transparente que a intenção não é nivelar o acesso à leitura a partir do [*suposto*] desinteresse ou incapacidade de alguns estudantes em acompanhar o currículo oficial. Tem-se que à medida que se avança na produção de novas tecnologias, novas ferramentas não de ser desenvolvidas e aquelas já existentes não de ser aprimoradas, enquanto outras vão sendo adaptadas, em meio a um contínuo processo interdisciplinar.

## 5.1 A PRÁTICA DO ENSINO DE LITERATURA VERNÁCULA CLÁSSICA BRASILEIRA UTILIZANDO A METODOLOGIA DE QUADRINIZAÇÃO

A atividade empírica de ensino e aprendizagem de literatura clássica vernácula brasileira foi elaborada como parte das exigências de formação do curso de Mestrado Profissional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), ano letivo de 2019 e foi levada a efeito pragmático, na Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

“Padre Manuel da Nóbrega”, situada no Distrito de Vinhático, município de Montanha, estado do Espírito Santo - Brasil.

A Escola está localizada à Rua Presidente Kennedy, nº 190, Centro, Vinhático, município de Montanha – ES. Foi criada como Grupo Escolar, através da Portaria nº 280-E de 27 de Fevereiro de 1970. Com a extinção do Colégio Dílyo Penedo, mantido pela entidade Obras Sociais, passou então a Escola de Nível Médio (à época 2º Grau), firmado na Portaria E Nº 1756, de 26 de Maio de 1982, oferecendo curso de 2º Grau não profissionalizante, por não dispor de profissionais habilitados.

Atualmente, a escola conta com um quantitativo de 268 (duzentos e sessenta e oito) estudantes nos níveis Fundamental II (6º ao 9º Anos) e Ensino Médio, sendo este último contando com um quantitativo de 59 (cinquenta e nove) estudantes (1º ao 3º Anos).

A atividade empírica envolvendo o ensino de Literatura Clássica Vernácula na EEEFM “Padre Manuel da Nóbrega”, foi realizada entre os meses de agosto e setembro e envolveu a participação ativa e direta da Professora Regente da disciplina de Arte, por se tratar de um tema, caracterizadamente, interdisciplinar. A escolha por este campo do saber é que as oficinas incluíam a demonstração de representações de figuras, gráficos, desenhos, produção textual em forma de quadrinhos da obra clássica, realizada pelos estudantes, como parte de desenvolvimento da atividade didática, o que inclui o domínio da Semiótica, como uma ciência fundamental no processo de análise e compreensão dos trabalhos.

A turma escolhida para aplicação da oficina foi a do 3º Ano “A”, sendo esta a única turma a participar efetivamente do projeto, porque dadas as condições de pesquisa científica erudita, o grupo precisava ser reduzido a um tamanho tal que permitisse a máxima interatividade entre os professores e os estudantes, possibilitando a montagem de grupos pequenos, o que permite uma maior capacidade de exploração do potencial cognitivo e criativo dos estudantes envolvidos. A referida turma conta com um quantitativo de 20 (vinte) alunos, com idade variando entre 16 (dezesesseis) e 18 (dezoito) anos, sendo 11 (onze) estudantes do sexo feminino e 09 (nove) estudantes do sexo masculino.

Ao total foram realizadas 08 (oito) oficinas didáticas, envolvendo etapas distintas do processo, indo desde a apresentação do projeto até a culminância do mesmo, que deu-se por meio de relatos dos estudantes sobre a atividade. Na primeira

oficina foi apresentado o projeto e seus objetivos gerais e específicos, uma espécie de prólogo, em que se informam os atores sobre as situações que estão por vir. Foi-lhes apresentado o autor com o qual pretendíamos trabalhar na atividade de quadrinização literária, ensino-aprendizagem de literatura por meio de quadrinhos e este foi o Escritor Brasileiro Machado de Assis, por ser um ícone da literatura brasileira, reconhecido por seu talento como escritor e também pela característica marcante da filosofia existencialista que compõe toda a sua obra.

Em seguida, apresentou-se uma breve biografia do autor e de toda a sua composição literária, detendo-se nas três obras escolhidas, a saber, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Dom Casmurro* (1899) e *Esaú e Jacó* (1904). A escolha por estas três obras, dentro do universo machadiano deveu-se por sua ampla discussão que já existe em torno das mesmas, o que facilita aos estudantes buscar outros caminhos de interpretação filosófica e literária para os termos expostos nos textos. Cada grupo recebeu um texto para que pudesse trabalhar.

O próximo passo foi a realização de leitura individual e em grupo, pelos estudantes, como tarefa extraescolar, a fim de que no dia da oficina, todos estivessem a par do que se tratava o texto e como se dá o enredo da obra, os personagens, o tipo de diálogo-argumentação, pessoa verbal, tempo verbal, aspectos psicológicos dos personagens, entre outros.

Após este instante de interação singular com o texto, realizou-se uma oficina, a fim de dirimir dúvidas e promover a troca de saberes e entendimentos, com a intenção de conduzir o estudante a uma substancial e complexa compreensão do texto, levando-o a pensar em como poderia distribuir os diálogos e narrativas em quadrinhos, sem perder a essência do pensamento machadiano.

O que se pretende é que os estudantes aprendam literatura clássica brasileira, tomem gosto por sua construção e além de compreender o pensamento, o respeitem em sua íntegra lógica abstrata, não que deem aos textos clássicos a interpretação que julgam pertinentes a si. A essência da obra, bem como a temporalidade deve ser preservada, podendo, o estudante realizar *links* mentais com situações que presencia na atualidade em suas respectivas vivências.

Em seguida, foram realizadas, em consonância com a professora de Arte, oficinas de produção das Histórias em Quadrinhos (HQ's), de modo verbal e não verbal (por meio de quadrinização), colocando os elementos comuns que

caracterizam esta modalidade de literatura, como os balões de narrativas, balões de diálogos e balões de pensamento, metáforas, metonímias, a fim de provocar e despertar para uma estética visual mais aprimorada da obra adaptada.

Esta ação tem o interesse de despertar o estudante para uma compreensão mais fina do que seja uma obra adaptada, para que quando venha a inteirar-se da mesma, comercialmente elaborada pelas grandes editoras, que possa saber, ao menos, sinteticamente, quais os passos utilizados e isto o auxilie no entendimento da leitura dos textos quadrinizados.

Após esta seção, foi solicitado a eles que lessem os textos quadrinizados disponíveis na biblioteca da escola, quando poderiam confrontar suas artes, produzidas por eles mesmos, em grupos, com a estética e a estilística adotada por um editor, um roteirista e um desenhista técnico.

Esta parte do trabalho representou-nos como a parte mais gratificante do trabalho, porque permitiu ouvir deles próprios como foi a sensação de adaptar obras clássicas, de elevada complexa psicológica, literária e filosófica como são os textos de Machado de Assis. O desempenho permitiu ainda identificar talentos para a produção artística, desenhos, ajustes, organização intelectual e visual.

Após esta mesa redonda entre os estudantes e os Professores Regentes de Literatura Brasileira e Arte, foi solicitado aos estudantes que elaborassem um breve relato sobre como foi à transformação (se houve, claro) com a participação na atividade empírica de quadrinização de obras literárias clássicas.

A fim de resguardar a identidade dos estudantes, os relatos dos mesmos serão classificados por letras do Alfabeto.

A aluna 'A', descreveu que,

As aulas de literatura, da E.E.E.F.M. "Padre Manoel da Nóbrega", coordenadas pelo professor de Português, Adébio Lisboa, são de suma importância para os alunos, antes vista como algo desinteressante, hoje contribui muito para o enriquecimento cultural e intelectual, desenvolvendo em nós um elevado senso crítico (ALUNA A, 2019, s.p.).

Esta estudante faz um paralelo em como se sentia antes das oficinas e o que a levou a ter uma nova percepção do processo que envolve o ato de ler e como a Literatura pode contribuir para que isto se consolide, de maneira interdisciplinar e pedagógica, potencializando a estética linguística e a construção cognitiva.

Em seu relato, a Aluna 'B', argumentou que,

A Quadrinização dos livros de Literatura Brasileira, desperta um interesse maior dos alunos pela leitura, por conter figuras e ilustrações, além de transmitir, de forma atraente, a história que para muitos estava escondida dentre as muitas páginas de um livro chato. Os quadrinhos, outrora atingia apenas o público infantil, hoje afirmo que não mais... (ALUNA B, 2019, s.p.).

Há que esclarecer a colocação desta estudante, em que sua colocação é atestada pela literatura científica erudita, de que as histórias em quadrinhos também atingiram o público adulto, porque trata de temas e situações mais complexas, no entanto, de uma forma divertida e mais eclética. É fantástico perceber a construção intelecto-cognitiva dos estudantes, a partir da interpretação dos textos e da participação nos processos de construção semiótica.

A Aluna 'C' ressalta a construção de uma nova identidade de síntese dos textos e da própria arte estética escrita, a partir de sua vivência e experimentação dos trabalhos com o ensino-aprendizagem de literatura brasileira clássica, por meio de quadrinização.

Antes eu pensava que literatura era apenas ler livros e fazer resumos sobre o que entendia, mas descobri que é muito mais que isso. A partir das aulas diferenciadas que o professor Adébio Lisboa, começou a desenvolver conosco, despertou o nosso interesse pelas aulas de literatura e, passamos a vê-la com outros olhos (ALUNO C, 2019, s.p.).

O relato do estudante 'C' revela sua transformação com relação à receptividade ao ensino da Literatura e sua conseqüente relação com a mesma, a quem passa a ver como forma de encontro entre o seu desejo de saber mais e a oportunidade apresentada de que ela possa oferecer-lhe mais e a Aluna 'D', complementa dizendo que "hoje tenho outro nível de concentração, maior conhecimento cultural e vejo uma melhoria muito grande quanto à minha escrita" (ALUNA D, 2019, s.p.).

A aluna 'E' retrata uma situação em que se viu imersa em um mundo novo, onde ela detém poder para discutir com autoridade sobre o que aprender e como aprender e porque aprender literatura; não se trata de tornar-se competente ao ponto de compreender o que os livros expõem, apenas que pode despertar o seu interesse pelo universo que a Literatura oferece. Daí em diante, a construção intelecto-cognitiva se pronuncia de modo objetivo, como parte do processo de amadurecimento pessoal e acadêmico.

Posso dizer que descobri a excelência das aulas de literatura, porque percebo que possuo outro nível de conhecimento. A literatura nos transforma enquanto pessoas, mas para que isso aconteça é preciso encontramos profissionais que tenham o interesse de despertar em nós, estudantes, o desejo por viajar nesse mundo fantástico nomeado de literatura. Tive a oportunidade de conhecer alguém com esse objetivo, que me cativou e me ensinou a 'viajar o mundo todo sem nenhum centavo gastar', pois aprendi a descobrir o que tem nas páginas dos livros de literatura brasileira. Tornei-me

leitora, amante dos livros (ALUNA E, 2019, s.p.). [Os destaques estão no original]

Já a Aluna 'F', faz uma abordagem no sentido didático, referindo ao ensino de literatura por meio da quadrinização como uma estratégia de ensino, um meio para se atingir um fim e torna-se gratificante esta percepção, porque demonstra habilidade analítica, capacidade interpretativa e capacidade de síntese do que foi experimentado.

A junção ou utilização dos quadrinhos como estratégia para o ensino da literatura foi um meio muito interessante para estimular a leitura. A quadrinização dos livros lidos despertou e fez com que outras pessoas descobrissem as interessantes histórias existentes naquelas muitas páginas, que eram vistas, por muitos alunos, como algo desagradável e sem nenhuma importância (ALUNA F, 2019, s.p.).

Esta própria estudante assim enxergava a Literatura e os livros; como algo que não possuíam nada que a obrigasse a sair de seu mundo e a explorar outras vertentes possíveis da epistemologia, do aprender e do pensar para além de si.

O Aluno 'G' expressa, em seu depoimento que,

Antes eu pensava que literatura era apenas ler livros e fazer resumo sobre o que entendia, mas descobri que é muito mais que isso. A partir das aulas diferenciadas que o professor, Adébio Lisboa, começou a desenvolver com nossa turma, despertou o nosso interesse pelas aulas de literatura e passamos a vê-la com outros olhos. A experiência da quadrinização dos livros, realizada em sala de aula junto do professor foi algo fantástico; foi como transformar os livros em magia, pois é encantador, desfaz totalmente a visão que uma boa parte de nossos colegas possui quanto à leitura (ALUNO G, 2019, s.p.).

Este aqui é outro caso em que fala de *seus colegas*, mas a quem realmente faz referência é sobre si mesmo que, como mostra seu relato, foi transformado em sua visão sobre a leitura e como a Literatura pode contribuir, direta e indiretamente para que isto se consolide como uma verdade.

O relato do Aluno 'H' demonstra como foi atravessado pela experiência da quadrinização e faz referência a todos os alunos do turno vespertino, que, em suas palavras, apresentavam resistências à leitura de qualquer tipo. Segundo ele,

As aulas de literatura são excelentes, os alunos se concentram e desenvolve uma ótima leitura, isso fez uma grande diferença, pois os alunos do turno vespertino não gostavam de ler, liam mal e logo que passaram a praticar leituras tiveram um bom resultado. Eu particularmente não gostava de ler, não gostava de leitura, por que pensava que não tinha necessidade alguma. A junção ou utilização dos quadrinhos como estratégia para o ensino da literatura foi um meio muito interessante, para estimular as pessoas a lerem e dar mais atenção aos livros de literatura. Com a quadrinização dos livros lidos feitos pelos alunos despertou interesse pelos livros e incentivou os estudantes a lerem, uma vez que esta nos faz descobrir a interessante história existente naquelas muitas páginas, que era vista por muitos alunos como algo chato e sem nenhuma importância (ALUNO H, 2019, s.p.).

O Aluno 'H' refere-se diretamente à prática de quadrinização como agente capaz de despertar o interesse pela leitura de textos variados, o que demonstra que todos os estudantes participaram ativamente no processo, envolvendo-se nas atividades organizadas pelos professores regentes. Este representou um momento de transformação, não da forma como se vê a Literatura, mas da forma como se pode ver a Literatura. O universo que se abriu para eles é o da *possibilidade* de transformação, demonstrando o potencial que cada segmento possui, estando ao alcance do estudante a sua adaptação, conforme apresente o seu desejo volitivo.

A professora regente da disciplina de Arte, Jocélia Inêz Cansi Boldrini, transmitiu o seu parecer sobre o trabalho dos estudantes e relata o quanto a experiência mostrou-se positiva para os estudantes, que construíram uma nova forma de autonomia na elaboração do pensamento complexo, sobre a leitura, a literatura e a interpretação/representação da mesma.

Relata-a que,

As atividades propostas foram aceitas por unanimidade pela turma, com desenvolvimento da metodologia em escolha de livros clássicos, com objetivo de ler, interpretar e usar toda a leitura para o processo de elaboração de uma linguagem de quadrinhos, visando contribuir em etapas básicas do conhecimentos de conceitos, domínio de conteúdos e a construção de uma história sequencial. Esta experiência, para mim, mostrou que os alunos defrontam com dinâmicas que os mesmos devem construir, passando por todas as etapas do processo de elaboração como: a comunicação visual, gráfica e escrita, além de criar elementos visuais ilustrando as cenas mais marcantes do livro lido, criou-se a contextualização da história com uma reflexão crítica e muita criatividade. Todo este processo de leitura e execução das HQ's teve como aspectos avaliados a imagem gráfica e verbal, a criatividade, a montagem sequencial dos quadrinhos, a descrição dos elementos físicos e humanos dentro do espaço. Nesta atividade, percebi, em uma prévia avaliação, que o universo das tirinhas dentro da atividade proposta teve um olhar positivo e uma maneira mais lúdica em saber interpretar livros em quaisquer gêneros, tornando-os mais significativos e descontraídos.

A proposta com as oficinas de quadrinização literária e o projeto de ensino de Literatura vernácula clássica, por meio de quadrinhos, sempre foi a de testar a hipótese de que é possível transformar as práticas tradicionais de ensino em dinâmicas muito ricas e profundas em que professor e estudantes podem aprender novas formas de ensinar e de aprender, utilizando, para tanto, novas ferramentas de trabalho pedagógico, didático e metodológico.

Ressalta, aqui, neste trabalho, para fins didáticos e de esclarecimento que todos os relatos apresentados neste trabalho, feito pelos estudantes, seguiram o mais

alto rigor acadêmico de isenção por parte do professor, que por meio de uma metodologia de pesquisa-ação, é também o pesquisador. Assim que, os alunos envolvidos no projeto elaborado e conduzido pelo autor desta dissertação, em parceria com a professora regente de Artes tiveram toda a liberdade para apresentar suas ideias e perspectivas sobre a atividade empírica desenvolvida de leitura e quadrinização das obras de Machado de Assis, principalmente seus pareceres positivos e/ou negativos sobre a experiência.

Seus relatos foram elaborados extraclasse, ausentes do espaço escolar e ausente a presença do professor e qualquer tipo de interferência, sendo-lhes outorgado o direito de expor seus sentimentos como lhes aprouvesse. Os textos que foram incorporados a este trabalho, tem a autorização dos mesmos. Foi solicitado a todos os estudantes que manifestassem e nem todos o fizeram, portanto, os que constam presentes na dissertação não foram selecionados, representam os que foram enviados ao pesquisador.

Durante toda a execução do projeto, o autor deste trabalho procurou portar-se como um professor de Literatura Brasileira e um pesquisador, mantendo-se a uma distância respeitável do objeto de estudo, na tentativa de garantir, ao máximo, o princípio da imparcialidade na aplicação dos procedimentos de investigação científica e especialmente, por tratar-se de uma metodologia que fez uso de pesquisa-ação.

É muito satisfatório poder reconhecer que ao final de um projeto, as hipóteses aventadas e uma vez testadas, empiricamente, mostraram-se verdadeiras, factíveis e passíveis de serem aplicadas a outras situações de ensino e de aprendizagem, podendo ser replicadas e registradas nos anais da história da Didática e da Pedagogia como algo de relevância técnica.

## CONCLUSÃO

Após os estudos realizados, as análises aplicadas e os resultados alcançados, chega-se à conclusão de que as histórias em quadrinhos conquistaram um espaço especial no imaginário da população, começando pelos mais jovens, uma vez que seu público-alvo era, de início as crianças, devido ao aspecto de desenvolvimento linguístico e aprimoramento da língua, gosto pela leitura e conhecimento literários.

A grande questão que se apresentou como *leitmotiv* desta dissertação é a de que se seria possível adaptar os clássicos da literatura clássica canônica vernácula brasileira, utilizando os autores de maior renome do País, neste campo. Para isto, buscou-se analisar, didaticamente, como se procederia até se chegar a tal ponto e quais os objetivos seriam traçados, com a finalidade de se construir a produção léxica dos estudantes.

Partiu-se do entendimento de que a literatura é um bem necessário à economia psíquica de um indivíduo e também, um componente didático valioso para a manutenção e a transmissão da história factual, sobre os escombros e as ruínas, os autores constroem e edificam grandes clássicos, como foi citado ao longo do trabalho, desde Homero, na Grécia até Ovídio, na Itália, Tostói e Dostoiévsky, na Rússia, Margaret Mitchell, nos Estados Unidos da América, Milan Kundera, na Cortina de Ferro, Gorge Orwell que, enquanto escrevia seu romance *1984*, estava sob vigilância austera da Scotlan Yard.

Como forma de melhor compreender o processo de quadrinização de obras clássicas literárias, montou-se um projeto de estudos, em que os estudantes foram introduzidos no processo e além das aulas expositivas, atuaram proativamente na elaboração de quadrinhos, a partir de seus aspectos cognitivos, intelectuais e epistemológicos e o resultado atesta que esta modalidade didática se prova com uma força surpreendente, ressalvadas as peculiaridades inerentes ao processo que, pode-se destacar a formação inicial do professor, seu potencial linguístico-literário, seu conhecimento de literatura, semiótica, interdisciplinaridade, didática e transposição didática.

Como empreendimento didático, chegou-se à conclusão de que para se efetuar a quadrinização, o professor deve seguir procedimentos de organização da

sua atividade, com execução de um elaborado planejamento, a saber: a escolha do autor, a escolha das obras, o conhecimento profundo das mesmas e o domínio técnico da aplicação dos conteúdos e sua respectiva análise, interpretação, compreensão e síntese e uma nova aplicação em larga escala educacional.

Como desafios postos para futuras investigações, tem-se que a técnica de quadrinização necessita de investidas mais profundas em suas concepções e estruturação didática, porque trabalha com agremiação de inúmeras outras ciências que, para o sucesso da atividade quando aplicada empiricamente, não só o professor deve ter ciência das mesmas, como domínio, como o estudante também deve ser inteirado de suas possibilidades e potencialidades.

Conclui-se que o ensino de literatura clássica utilizando as histórias em quadrinhos representa um avanço epistêmico e didático incomparável na história e a quadrinização, uma oportunidade ímpar para que os estudantes possam aproximar-se ao máximo da produção intelectual autônoma.

## REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ADAPTAÇÕES de obras de literatura para os quadrinhos, um dos nichos que mais cresce no mercado dos gibis. **Jornal da Metodista**, São Paulo, 2010. Ano 17, nº 90. Disponível em: <http://www.metodista.br/jornal-metodista/90/literatura-em-quadrinhos>. Acesso em: 17 de abril de 2012.

AMARILHA, Marly. Magali e Cascão vão à escola: transitando entre imagens e palavras. In: ID. **Alice que não foi ao país das maravilhas: a leitura crítica na sala de aula**. Petrópolis: Vozes, 2006.

BACON, F. **Novum Organum**. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

BARBOSA, Alexandre et al. **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, A. M. Dilemas da Arte/Educação como mediação cultural em namoro com as tecnologias contemporâneas. In: BARBOSA, Ana Mae. **Arte/Educação contemporânea, consonâncias internacionais**. (Org.), 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

BELLEMIN-NOËL, Jean. **Psicanálise e Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1978.

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

BRODEN, Thomas F. **Semiologia/semiótica em Saussure e Jakobson: conceitos, filiações, debates**. *Revista do GELNE*, Natal/RN, Vol. 19 - Número Especial/Dossiê: p. 299-309, 2017.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CARPEAUX, Otto Maria. **História da Literatura Ocidental V. I**. 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008.

----- **História da Literatura Ocidental V. II**. 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008.

----- **História da Literatura Ocidental V. III**. 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008.

----- **História da Literatura Ocidental V. VI**. 3. Ed. Brasília: Gráfica do Senado, 2008.

CATALDI, Zulma; LAJE, Fernando J. **Diseño y organización de tesis**. Buenos Aires: Nueva Librería, 2004.

COSSON, R. **O apagamento da literatura na escola.** *Investigações: linguística e teoria literária*, Recife, v. 15, n. 1, jul. 2002. Disponível em: <<http://www.revis-tainvestigacoes.com.br/Volumes/Vol.15/Investigacoes-V15.pdf>>. Acesso em: 5 nov. 2019.

DALCASTAGNÈ, Regina (org.). **Histórias em quadrinhos – diante da experiência dos outros.** São Paulo, Editora Horizonte, 2012.

DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

EITERER, Luiz Henrique. (2013). **O Método da análise do Discurso.** Disponível em: [lheiterer.blogspot.com/2008/07/o-mtodo-da-anlise-do-discurso.html](http://lheiterer.blogspot.com/2008/07/o-mtodo-da-anlise-do-discurso.html). Acessado em 02/05/2019.

FAZENDA, Ivani C. A. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa.** 11. Ed. Campinas: Papirus, 2003.

FERRO, Ana Paula Rodrigues. *Clássicos literários adaptados para história em quadrinhos: um recurso para ensinar línguas e despertar para a leitura.* **Educação, Gestão e Sociedade:** revista da Faculdade Eça de Queirós, ISSN 2179-9636, Ano 4, número 16, Novembro de 2014, pp. 01-10.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC. [Apostila], 2002.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREUD, Sigmund. (1907 [1906]). **Delírios e Sonhos na Gradiva de Jensen.** Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, S. (1910). **Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens** (contribuições à psicologia do amor I). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

JAPIASSÚ, Hilton. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia?** 2. Ed. São Paulo: Loyola, 1992.

LIMA, Marcelo Soares de. **Literatura em Quadrinhos:** Uma questão de adaptação. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. *XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste.* Recife, 14 a 16/06/2012.

LOPES, José Leme. **A Psiquiatria de Machado de Assis.** Rio de Janeiro: Agir/MEC, 1974.

LÜDKE, Komedi M.; ANDRÉ, M. A. **Pesquisa em educação**. São Paulo: EPU, 1986.

MENDONÇA, J. M. **Traça traço quadro a quadro**: A produção de histórias em quadrinhos no ensino de Artes, Belo Horizonte: C/ Arte, 2008.

NUNES, Antônio Vidal. **Metodologia da pesquisa educacional** [recurso eletrônico]. Vitória, ES: Universidade Federal do Espírito Santo, Secretaria de Ensino a Distância, 2018.

OLIVEIRA, Maria Cristina Xavier de. **A Arte dos “Quadrinhos” e o Literário**: a contribuição do diálogo entre o Verbal e o Visual para a reprodução e inovação dos modelos clássicos da cultura. Tese (Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa). São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo (USP) - Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2008.

ORLANDI, E. P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 6. Ed. Campinas: Pontes, 2005.

PERRELLI, M. R.; STRYER, F. A. (2012) **Leitura**: a contribuição das histórias em quadrinhos para a formação do leitor. Disponível em: [http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospe/pdebusca/producoes\\_pde/2012/2012\\_uepg\\_port\\_artigo\\_marcia\\_regina\\_perrelli\\_dudziak.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospe/pdebusca/producoes_pde/2012/2012_uepg_port_artigo_marcia_regina_perrelli_dudziak.pdf). Acesso em 22 set. 2016.

PINA, Patrícia Kátia da Costa. **Literatura e quadrinhos em diálogo**: Adaptação e leitura hoje. *Ipotesi*, Juiz de Fora, v.18, n.2, p. 149-164, jul./dez. 2014.

POPPER, K. R. **Conjecturas e refutações**. Brasília: UNB, 1972.

QUINTANA, Mário. **Caderno H**. Porto Alegre: Globo, 1983.

RUDIO, F. V. **Introdução ao Projeto de Pesquisa Científica**. Petrópolis: Vozes, 2004.

SANTOS, Wanderley Alves dos. **Literatura e história em quadrinhos na educação básica**: uma sequência didática criativa. Universidade Federal de Goiás, 2015.

SANTOS, Wigvan Junior Pereira dos. **O princípio da Falseabilidade e a noção de ciência de Karl Popper**. *Brasil Escola*. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/o-principio-falseabilidade-nocao-ciencia-karl-popper.htm>. Acesso em 01 de setembro de 2019.

SAUTU, Ruth; BONIOLO, Paula; DALLE, Pablo y ELBERT, Rodolfo. **Manual de metodolgia** – construcción del marco teórico, formulación de los objetivos y elección de la metodolgia. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2010.

SILVA, Rafael Laytynher. A Contribuição das Histórias em Quadrinhos de Super Heróis para a Formação de Leitores Críticos. **Revista Anagrama**: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação. Ano 5 - Edição 1 - Setembro-Novembro de 2011.

SOUZA, S. R. **Comunicação pessoal ao autor**, realizada em 01 de setembro de 2019.

SOUZA, Sérgio Rodrigues de. **A Liga da Justiça no Divã**. São Paulo: PerSe, 2018.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1988.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VERGUEIRO, W. Quadrinhos e Educação Popular no Brasil. In: VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Org.). **Muito além dos quadrinhos: análises e reflexões sobre a 9ª arte**. São Paulo: Contexto, 2009.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQs no ensino In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2010.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Brasília: Ministério da Cultura. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional / Departamento Nacional do Livro, s.d.

VOESE, I. (1997). **O movimento dos sem-terra na imprensa: um exercício de análise do discurso**. [s.f.].

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. Histórias em quadrinhos: panorama histórico, características e verbo-visualidade. In: **Darandina Revista Eletrônica**. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários. Juiz de Fora: UFJF, Vol. 10, no.2, 2018, pp. 01-20.

## **ANEXOS**

## ANEXO I

# SEQUÊNCIA DIDÁTICA SOBRE ENSINO DE LITERATURA CLÁSSICA VERNÁCULA UTILIZANDO AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS COMO ELEMENTO DIDÁTICO-METODOLÓGICO

## APRESENTAÇÃO

O ensino de literatura constitui um desafio para os professores da disciplina, especialmente, quando refere-se ao tema literatura clássica, pelo seu elevado padrão linguístico, rebuscamento, fino padrão de desenvolvimento regional, estilística relacionada ao ambiente e ao espaço tempo político e cronológico.

Assim que, com o advento de utilizar os quadrinhos como meio didático para se aproximar deste fim, que é promover o ensino, de modo eficiente e eficaz e a aprendizagem, de igual modo. Neste processo, tem-se a quadrinização das obras e textos clássicos, realizados pelos estudantes, em parceria com o professor de Artes Visuais, porque a ideia é construir um ensino e uma aprendizagem, efetivamente interdisciplinar, agregando, especialmente a Semiótica aos trabalhos docentes.

**Nível escolar:** Ensino Médio

**Duração:** 90 dias (1 trimestre letivo)

## OBJETIVOS

### Geral

Promover o encontro dos estudantes com a literatura através dos quadrinhos por meio da análise de obras de autores consagrados no assunto, que averigüe a linguagem, a metalinguística, os diálogos, a estilística, os clichês e a semântica.

### Específicos

Proporcionar aos estudantes a ampliação dos seus horizontes e a diversificação de seus conhecimentos, através da leitura de história em quadrinhos;

Desenvolver novas formas de aprendizagem de Literatura Clássica, por meio de histórias em quadrinhos;

Ensinar aos estudantes como desenvolver histórias em quadrinhos, adaptando os textos clássicos a esta modalidade.

## **CONTEÚDOS**

### **Programáticos**

História da Literatura universal e Brasileira;  
Autores clássicos internacionais e brasileiros;  
Literatura de quadrinhos.

### **Procedimentais**

Explanação acerca dos textos, dos autores, fazendo os links de tempo, ação, reação, motivações, impactos políticos, históricos;

Explanação acerca dos autores e suas biografias.

Explanação sobre a semiótica, como ciência e técnica.

Explanação sobre a História da literatura em quadrinhos, sobre que objetos se debruça, como encontra suas motivações, como adaptar um texto para que não perca sua essência filológica.

### **Atitudinais**

Trabalhar mudanças de perfil no estudante, como ler corretamente, como analisar uma obra que se tornou-se um clássico, compreender o porquê de um determinado texto e autores tornarem-se tão importantes a ponto de serem classificados como clássicos.

Buscar desenvolver o respeito ao trabalho alheio, entendendo que cada um pode e tem a capacidade de desenvolver algo único e incomparável no tempo e no espaço.

## SEQUÊNCIAS DE APRENDIZAGEM

Neste tópico, será esclarecido como se prepara a sequência didática para a elaboração de metodologias utilizando o método de quadrinização como forma de ensinar literatura clássica vernácula. Deve ser elaborado um projeto amplo, definido, caracterizado, fundamentado sobre uma problemática sólida e em autores consagrados na literatura. Em seguida, deve ser elaborado todo um planejamento didático-metodológico, tendo em vista o objeto-alvo e as expectativas a serem alcançadas, definidas, no projeto.

São os seguintes passos, a seguir, com a proposição didática de ensino de literatura clássica vernácula, utilizando a quadrinização:

**1º passo:** Neste instante, escolhe-se a turma com a qual se pretende trabalhar a questão do ensino de literatura clássica, porque a escolha do objeto determina qual será a melhor metodologia a ser utilizada, considerando a idade cronológica, o nível cognitivo, o potencial intelectual dos estudantes.

**2º passo:** Neste instante, escolhe-se o autor e as obras que serão trabalhadas, entendendo que ambos devem ser de conhecimento público, de fácil domínio dos estudantes e de compreensão clara quanto ao que se pretende alcançar.

**3º passo:** Neste momento, o professor deve estudar a fundo os textos canônicos, compreender a linguística, a metalinguística, os processos semânticos, análise do discurso, análise de conteúdo, a fim de que possa estar vinculado com a obra e o pensamento do autor.

**4º passo:** Neste ponto, o professor indica a leitura do texto clássico original aos estudantes, a fim que travem contato com a literatura e os com os textos, em seu sentido e formato original, com a língua, os jargões e gírias, expressões típicas de regiões e momentos históricos, em sua dimensão topológica e ontológica.

**5º passo:** Procurar suporte epistemológico em outras ciências e disciplinas afins, para que a atividade assuma, definitivamente, um caráter interdisciplinar.

**6º passo:** Realizar oficinas com os estudantes, onde eles expressem o que foi possível encontrar de novo nas leituras e releituras dos clássicos.

**7º passo:** Entregar aos estudantes, obras dos mesmos clássicos que eles acabaram de ler, no original, na forma de quadrinhos, para que possam tecer os

emaranhados que se confrontam entre uma forma e outra de expressão artístico-literário.

**8º passo:** Realizar oficinas onde os estudantes possam expressar o que aprenderam com a quadrinização, podendo escrever e expressar, oralmente.

**9º passo:** Solicitar aos estudantes e outros professores participantes da atividade que escrevam suas impressões sobre o trabalho e a atividade empírica. Este momento é o que se denomina como *feedback* da atividade didática, auferindo ao professor a possibilidade de analisar os pontos fortes e fracos da ação.

## ANEXO II

## QUADRINIZAÇÃO DA OBRA ESAÚ E JACÓ - MACHADO DE ASSIS



F. M. Padre Manoel da Nóbrega<sup>7</sup>

Natividade, grávida de gêmeos, e sua irmã fez visita a uma cabocla do Moro do Castelo. A futura mãe queria conhecer o destino dos filhos gêmeos, Pedro e Paulo. A previsão da cabocla é animadora: "serão grandes".



Ao chegar em casa, a mulher  
relata as previsões a Santos,  
seu marido. O homem fica feliz!



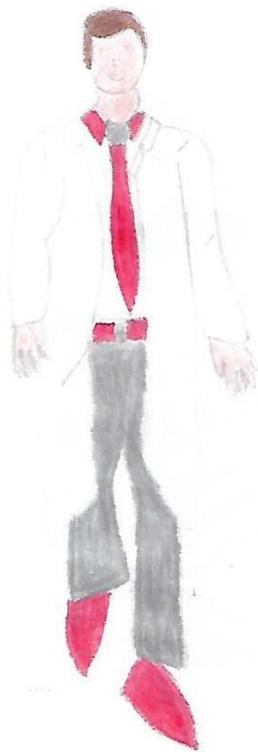
mas resolve procurar o amigo e mestre espírita Plácido para saber sobre as coisas. O amigo o tranquiliza, afirmando os meninos seriam grandes homens e por isso brigavam a partir mesmo do nascimento.



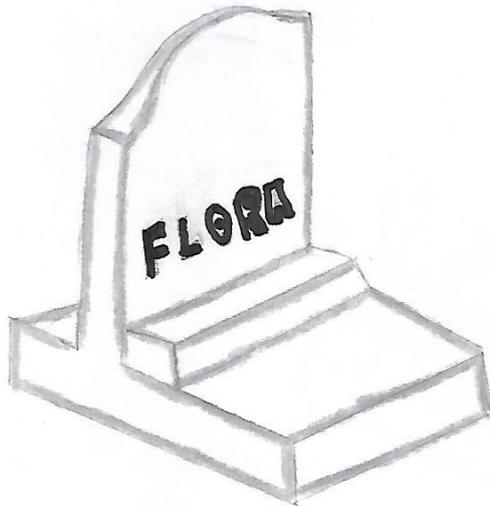


Pedro e Paulo nascem idênticos  
físicamente, mas completamente  
diferentes na personalidade. Paulo,  
republicano, ingressa na faculdade  
de Direito, e Pedro, monarquista, cursa  
medicina.

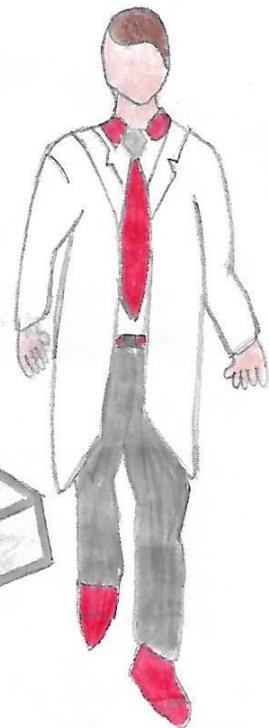
Ambo's encantam-se por glória,  
filha do político oportunista Ba-  
tista e de 19<sup>ª</sup> Cláudia. Com a  
nomeação de Batista para pre-  
sidente de uma província do  
norte, a quem, dividida entre os  
gimes, se desespera, sem querer  
deixar o Rio.



Com a proclamação da República a moça acaba permanecendo na cidade. No entanto, ainda indecisa, resolve ir para casa da Rita, irmã do conde, para assim ter mais tempo para escolher um dos irmãos. Antes de decidir a quem adoece e morre. Os irmãos sofrem, mas logo dão curso as suas carreiras.

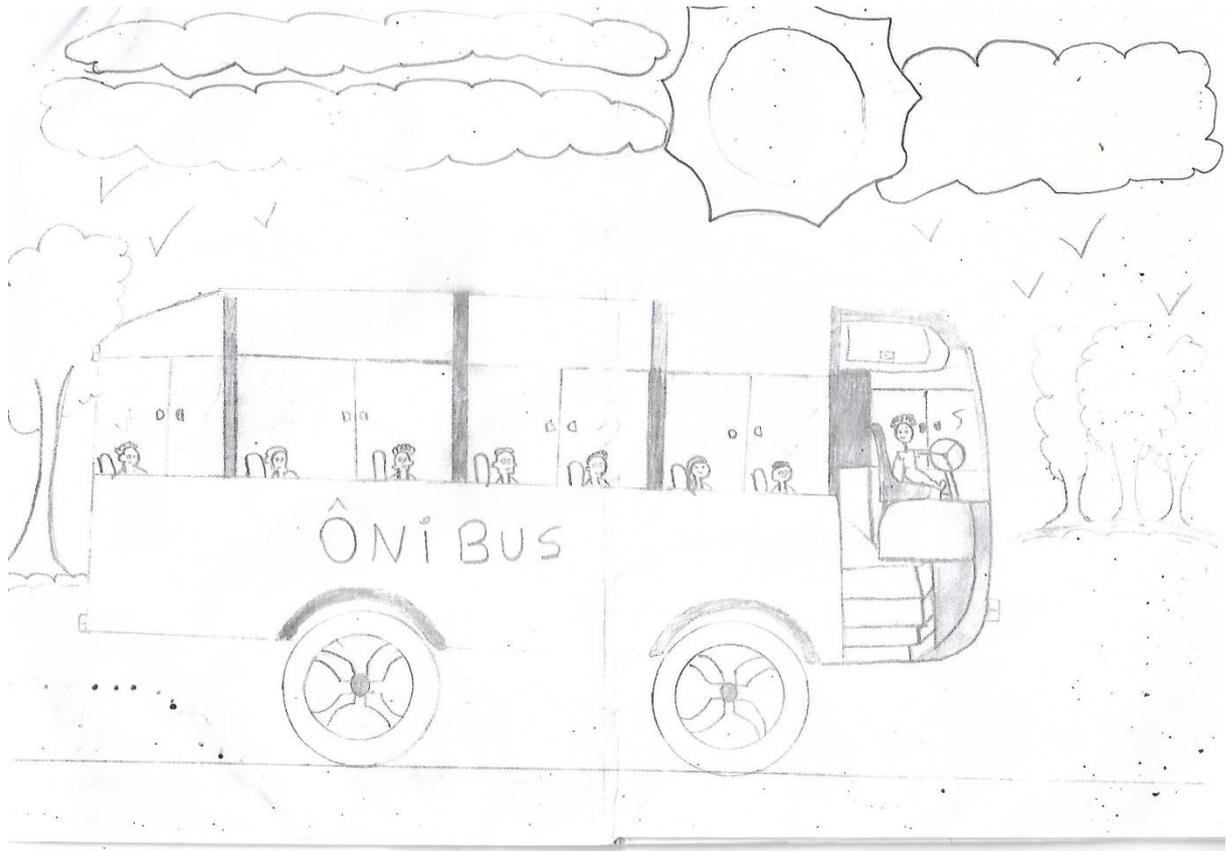


Os dois se enfrentam na vida política  
e como deputados em lados opostos  
no parlamento. Com a morte de  
Natividade, atendendo a seu último  
pedido, erram os entendimentos.  
A paz dura pouco, logo os inimigos  
voltam a trocar fofas e terminam  
separados.



## ANEXO III

QUADRINIZAÇÃO DA OBRA *DOM CASMURRO* - MACHADO DE ASSIS

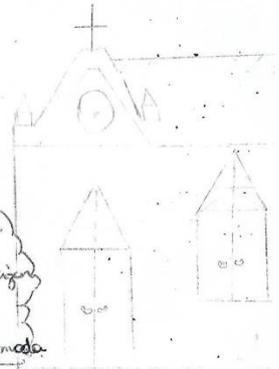


Deus, se o meu próximo filho nascer homem ele será padre e o enviarei para o seminário



Atendendo ao pedido da mãe Bento vai ao seminário. Lá ele se torna amigo de Escobar.

Meu amigo Escobar estava na mesma situação queria realizar o desejo da minha mãe porém como uma menina chamada Popela



Bento então juntos conseguiram convencer os pais para sair daqui





Capitu e Bento se casam



Nona! como  
uma criança  
mas se parece  
nada comigo



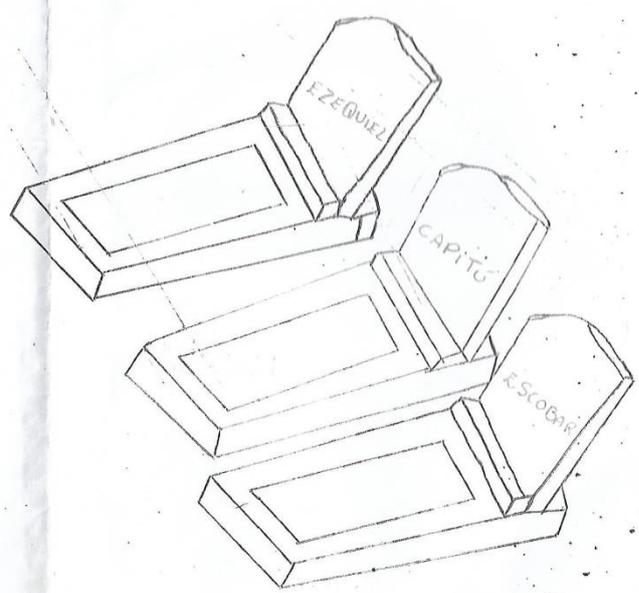
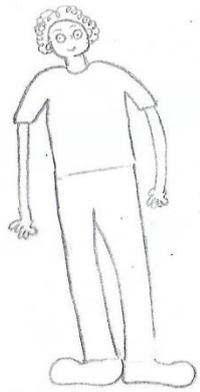


Escobar foi machucado e acabou se afogando.



Capita traiu ou não traiu?

No fim todos morrem e sobrando apenas Dom Euzumbão.



## ANEXO IV

QUADRINIZAÇÃO DA OBRA *MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS* -  
MACHADO DE ASSIS